

**Para uma interação das competências comunicativas:
Oralidade, Leitura, Escrita e Funcionamento da Língua**

Marlene Sofia Guerreiro Duarte

**Relatório de Estágio de Mestrado
em Ensino do Português e das Línguas Clássicas
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário**

Setembro, 2012

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Manuel dos Santos Rodrigues, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Aos meus pais, avós e João Tiago.

Para uma interação das competências comunicativas: Oralidade, Leitura, Escrita e Funcionamento da Língua

Marlene Sofia Guerreiro Duarte

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: interação – competências – oralidade – leitura – escrita – funcionamento da língua

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada na Escola Secundária Padre Alberto Neto, em Queluz, e na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, ao longo do ano letivo de 2011/2012. A descrição da PES e respetiva reflexão crítica centrar-se-ão na observação de aulas e lecionação das disciplinas de Português ao 11º e 12º anos, de Literatura Portuguesa ao 10º ano e Latim ao 10º ano.

ABSTRACT

KEY WORDS: Interaction – competence – oral – reading – writing – language functioning

This report falls upon my own Supervision of Teaching Practice (PES), at Secondary School of Padre Alberto Neto in Queluz, and also at the Secondary School of Camoes, in Lisbon, during 2011-2012 Academic School calendar. The description of PES (Supervision of Teaching Practise) and its respective critical reflexion focus on classroom observation and teaching of Portuguese Language 11º, and 12º grade and Latin language 10º grade.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL.....	2
I. 1. A Escola Secundária Padre Alberto Neto	2
I. 2. A Escola Secundária de Camões	4
CAPÍTULO II: INTERAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS:	
ORALIDADE, LEITURA, ESCRITA e FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA.....	6
II. 1. A Oralidade.....	7
II. 2. A Leitura.	8
II. 3. A Escrita.....	9
II. 4. O Funcionamento da Língua.....	10
II. 5. Para uma interação das competências comunicativas.	11
CAPÍTULO III: O ESTÁGIO DE PORTUGUÊS	13
III. 1. Prática pedagógica na turma 12 ^º F	13
III. 1.1. Caracterização da Turma.	13
III. 1.2. Observação das Aulas da Professora Isabel Leal.....	14
III. 1.3. Prática de Ensino.....	15
III. 1.3.1.Sequências Didáticas.....	15
III. 1.3.1.1.Preparação.....	15
III. 1.3.1.2.Execução.	18
III. 1.3.1.3.Avaliação.....	20
III. 2. Prática pedagógica na turma 11 ^º D.	21
III. 2.1. Caracterização da Turma.	21
III. 2.2. Observação das Aulas da Professora Isabel Leal.....	22

III. 2.3. Prática de Ensino.....	23
III. 2.3.1.Sequências Didáticas.....	23
III. 2.3.1.1.Preparação.....	25
III. 2.3.1.2.Execução.....	25
III. 2.3.1.3.Avaliação.....	26
III. 3. Conselhos de Turma	28
III. 4. Outras Atividades.....	29
III. 4.1. Interação com o 11º H.	29
III. 4.2. Interação com o 10º G.	30
III. 4.3. Reunião Geral de Professores.....	31
III. 4.4. Reunião de Disciplina.	31
III. 4.5. Reuniões de Grupo.....	32
III. 4.6. <i>Workshop</i> : O Novo Acordo Ortográfico.	32
CAPÍTULO IV: O ESTÁGIO DE LATIM	34
IV. 1. Prática pedagógica na turma 10º J	34
IV. 1.1. Caracterização da Turma.....	34
IV. 1.2. Observação das Aulas da Professora Andreia Loio.....	35
IV. 1.3. Prática de Ensino.....	35
IV. 1.3.1.Sequências Didáticas.	36
IV. 1.3.1.1.Preparação.	36
IV. 1.3.1.2.Execução.....	38
IV. 1.3.1.3.Avaliação.	40
IV. 2. Conselhos de Turma	40
CONCLUSÃO	42
BIBLIOGRAFIA	43

ANEXOS46
Anexo I – Ficha Informativa sobre Alberto Caeiro	47
Anexo II – Ficha Informativa sobre Alberto Caeiro	49
Anexo III – Produção de Texto: Texto Expositivo-Argumentativo.....	50
Anexo IV – Exemplo de Planificação de Aula de Português	51
Anexo V – Cenários de Resposta: Produção de Texto	54
Anexo VI – Descritores de Desempenho: Produção de Texto.....	55
Anexo VII – Ficha de Trabalho: <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>	56
Anexo VIII – Ficha de Trabalho: <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>	58
Anexo IX – Tabela Cronológica de Padre António Vieira	59
Anexo X – Ficha de Trabalho: <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>	61
Anexo XI – Teste Sumativo de <i>Os Maias</i>	63
Anexo XII – Matriz do Teste Sumativo de <i>Os Maias</i>	69
Anexo XIII – Grelha de Avaliação dos Testes Sumativos de <i>Os Maias</i>	70
Anexo XIV–Ficha de Trabalho: <i>Crónica de D. João I</i>	72
Anexo XV – Ficha de Trabalho: Pretérito Imperfeito do Indicativo.....	74
Anexo XVI – Ficha de Trabalho: O Mito de Eneias.....	76
Anexo XVII: Canção de Natal em Latim	79
Anexo XVIII – Exemplo de Plano de Aula de Latim	80
Anexo XIX – Ficha de Trabalho: Monte Capitólio.....	81
Anexo XX – Quadro de Observação Direta	83
Anexo XXI – Guião do Trabalho de Investigação	84

INTRODUÇÃO

O presente relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada, que decorreu durante o ano letivo 2011/2012. Teve como instituições cooperantes a Escola Padre Alberto Neto, em Queluz, para o estágio de Português, e a Escola Secundária de Camões, em Lisboa, para o estágio de Latim.

Subordinada ao tema “Para uma interação das competências comunicativas: Oralidade, Leitura, Escrita e Funcionamento da Língua”, pretendo, através deste relatório, expor o meu percurso ao longo do estágio, de forma descritivo-reflexiva, o trabalho realizado e as suas consequências no ensino. Apesar deste enquadramento teórico, o maior destaque será dado à experiência letiva, com todas as situações que envolveram e definem as minhas escolhas pedagógicas e os resultados obtidos durante a PES.

Assim, este relatório está estruturado em quatro capítulos: enquadramento institucional, explicitação temática, descrição e reflexão do estágio de Português e, por fim, descrição e reflexão do estágio de Latim.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

I.1. A Escola Secundária Padre Alberto Neto

No dia 28 de junho de 2011, numa reunião realizada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) sob orientação da Professora Doutora Maria Graciete Silva, coordenadora dos Mestrados em Ensino do Português e das Línguas Clássicas, ficou decidida a distribuição dos mestrados pelas várias escolas cooperantes. Determinou-se que a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) na disciplina de Português teria lugar na Escola Secundária Padre Alberto Neto (ESPAN), sob orientação da Professora Isabel Leal.

Após a determinação dos locais de estágio para todos os mestrados, a Professora Doutora Maria Graciete Silva facultou os contactos dos futuros orientadores. Fiz o meu primeiro contacto com a Professora Isabel Leal, que de imediato marcou o nosso encontro para o dia 31 de julho de 2011. Nesta primeira reunião, tive a oportunidade de conhecer todo o espaço físico que envolve a escola e de trocar algumas impressões acerca do Programa de Português do Ensino Secundário. No final da reunião, ficou marcado o próximo encontro para o dia da Reunião Geral de Professores – 08 de setembro de 2011.

Com este primeiro contacto e tendo em conta a data da próxima reunião, aproveitei para recolher alguma informação sobre a ESPAN¹, pois a primeira impressão tinha sido extremamente positiva.

A Escola Secundária Padre Alberto Neto situa-se na Avenida Paiva Couceiro, em Queluz, concelho de Sintra, próxima da Igreja Matriz, Bombeiros Municipais e Palácio Real de Queluz. A sua história remonta ao ano de 1965/66, quando foi criada a partir de uma secção do Liceu Passos Manuel, em Massamá. Em 1972, deslocou-se para a morada atual, com um corpo docente e administrativo autónomo e com o nome de Liceu Nacional de Queluz. Após o 25 de Abril de 1974, tal como aconteceu com todos

¹ Dados recolhidos no *website* da ESPAN e junto da Professora Isabel Leal.

os liceus, alterou o nome para Escola Secundária de Queluz – nº1. No ano de 1991, volta a alterar a sua denominação para Escola Secundária Padre Alberto Neto – Queluz, como forma de homenagear o educador Alberto Neto Simões Dias (Fundão, 11 de fevereiro de 1931 – Setúbal, 03 de julho de 1987), sacerdote católico português e professor que em muito contribuiu para a formação de jovens desta escola. Recentemente, sofreu uma reestruturação através da empresa Parque Escolar.

Atualmente, a ESPAN conta com cerca de 2.200 alunos, 210 professores e 72 funcionários. A Direção Executiva é composta pelo diretor José Brazão, o subdiretor Fernando Ascenso, as coordenadoras técnico-pedagógicas Fátima Grilo e Clarinda Branco e o coordenador do ensino recorrente noturno Edmundo Tavares. De acordo com as informações obtidas, a comunidade estudantil provém de uma classe maioritariamente média/baixa e é oriunda de diferentes países (Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Brasil, entre outros). Na sua maioria, os alunos residem na cidade de Queluz, mas alguns residem em Massamá e Amadora, sendo os meios de transporte utilizados o comboio e o autocarro.

No que respeita ao espaço físico, o estabelecimento conta com 36 salas de aula de índole geral, dotadas de computador e projetor, 4 salas de informática, 1 sala de serigrafia, 1 estúdio de fotografia, laboratórios de Biologia, Física, Geologia, biblioteca/mediateca (com cerca de 10.000 volumes, 500 documentos em vídeo e 80 documentos em CD-Rom), auditório, reprografia, papelaria, refeitório, enfermaria de cuidados básicos, sala de professores e 1 sala de trabalhos de professores, 1 sala de alunos, gabinete de apoio e integração do aluno, salas de estudo, pavilhão gimnodesportivo e 4 campos exteriores de jogos.

Para que todo o espaço educativo funcione em pleno, a ESPAN visa a formação dos seus alunos aos níveis físico, intelectual, cultural e social, com o objetivo de alcançar o sucesso educativo, promovendo para isso uma cultura e ensino de qualidade, exigência, responsabilidade e autorregulação, onde o atual Regulamento Interno e o Projeto Educativo tentam que se concretize, chamando todos os intervenientes (alunos, professores, pais, encarregados de educação, auxiliares e funcionários) a cumprir o seu papel.

Com toda esta informação recolhida, as minhas expetativas aumentaram potencialmente, aguardando com ansiedade o início do ano letivo.

I.2. A Escola Secundária de Camões

Ao contrário do que aconteceu com o estágio na disciplina de Português, iniciado pontualmente com o ano letivo, o estágio na disciplina de Latim começou, devido a contingências várias, já com o primeiro período bastante avançado. Com efeito, só no dia 03 de novembro é que a responsável da FCSH, Professora Doutora Maria Graciete Silva, nos enviou um *e-mail* com a informação do local de estágio e o nome da respetiva orientadora. Iria realizar-se na Escola Secundária de Camões (ESC) sob orientação da Professora Andreia Loio, recentemente colocada. Recebida a informação, o núcleo de estágio de Línguas Clássicas, composto por mim, pelas minhas colegas Joana Meirim, Joana Oliveira e Joana Rodrigues, e pelo meu colega Luís Melo, organizou-se e agendou com a orientadora uma primeira reunião.

No dia 10 de novembro de 2011, encontrámo-nos pela primeira vez com a Professora Andreia Loio, que nos informou das turmas de Latim existentes na ESC (uma de 10º ano e outra de 11º ano) e dos respetivos horários. Ficou determinado que a turma para o meu estágio de Latim seria a do 10º ano. A orientadora informou-nos das datas dos testes e adiantou algumas ideias que tinha em mente para pôr em prática durante o ano letivo, deixando em aberto a possibilidade de apresentação de novas ideias por parte dos estagiários.

Depois de estabelecidos os moldes do estágio de Latim, procedi à recolha de informação sobre a instituição cooperante². A Escola Secundária de Camões, inicialmente Liceu Nacional de Lisboa, foi criada em 1902, tendo as suas primeiras instalações no Palácio da Regaleira, no Largo de São Domingos. Dois anos volvidos, passa à denominação de Liceu Central. Com o aumento da população, visto que servia quinze freguesias e a necessidade de laboratórios de Física, Química e Zoologia, e de um espaço para a prática de Educação Física, o primeiro reitor do Liceu Central, Rui Teles Palhinha, concretiza o objetivo da construção de um edifício de raiz, que cumpra as necessidades de ar, luz e espaço. A 16 de outubro de 1909, na atual Praça José

² Dados recolhidos no *website* da ESC e junto de uma funcionária administrativa.

Fontana, inaugura-se o novo liceu, que em 1908 tinha mudado oficialmente o nome para Lyceu Camões. É um edifício com uma arquitetura clássica, fechado ao exterior e com uma disposição simétrica. Após o 25 de Abril de 1974 e a par de todos os liceus, passa a designar-se Escola Secundária de Camões.

Atualmente, a ESC tem 1586 alunos no ensino secundário, distribuídos pelo ensino regular e pelo ensino recorrente, 164 professores e 50 funcionários (41 auxiliares e 14 administrativos). A Direção Executiva é composta pelo diretor José Jaime Pires, a subdiretora Adelina Precatado e os adjuntos José Madureira, Manuel Beirão dos Reis e Teresa Novo Palma. O corpo discente é oriundo dos variados estratos sociais e de diversos países, o que a escola acredita ser uma mais-valia³.

São os seguintes os espaços que compõem o estabelecimento: salas de aula, 5 salas de informática, 2 salas de projeção de meios audiovisuais, sala de estudo, laboratórios de Física e Química, biblioteca (antiga), centro de recursos educativos, auditório, museu, refeitório, sala de professores, sala de trabalhos de professores, arquivo, papelaria, reprografia, ginásio (espaço antigo e dentro do edifício principal) e espaços abertos para a prática desportiva. Sendo um edifício antigo, onde são bem visíveis os sinais de degradação estrutural, a escola aguarda obras, com o projeto aprovado mas à espera de verbas.

Apesar do aspeto físico, a ESC não deixa de garantir aos seus alunos um ensino de qualidade, patente no Projeto Educativo, que além do ensino, apresenta uma extensão curricular com vista ao crescimento do indivíduo, com cursos livres de línguas, concursos literários, grupos de teatro, entre outros que possam ser criados.

Contudo, o primeiro contacto acaba sempre por nos influenciar, tendendo a primeira sensação a prevalecer, o que fez com que as minhas expectativas face à PES de Latim não fossem tão elevadas como à de Português, que apresentava um conjunto de meios passíveis de pôr em prática um ensino virado para uma sociedade digital que ajudasse a estimular os alunos.

³ Cf. Projeto Educativo 2010/2013.

Capítulo II

INTERAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS: ORALIDADE, LEITURA, ESCRITA E FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Escolhi como tema do meu relatório a interação das competências comunicativas após uma primeira fase de observação das aulas de Português (“silent phase” – Wajnryb, 1992:7), que permitiu verificar algumas lacunas por parte dos alunos.

Partindo de uma observação naturalista, verifiquei que os alunos não faziam grande distinção do uso formal e informal da língua nas suas intervenções orais, não havendo barreiras distintivas entre o quotidiano e a sala de aula; na escrita eram também visíveis dificuldades de expressão, desde a sintaxe ao restrito léxico utilizado (informação obtida através da observação de textos feitos pelos alunos e facultados pela orientadora); na leitura, tive uma desagradável surpresa ao ouvir os alunos com dificuldades na enunciação de palavras com mais de três sílabas ou palavras que estavam fora do seu vocabulário pessoal (sendo recorrente a pergunta: “O que significa esta palavra?”), além de não respeitarem os sinais de pontuação e não darem entoação ao texto lido; nos exercícios gramaticais, os alunos evidenciavam um grande esquecimento dos conteúdos adquiridos ao longo do ensino básico e manifestavam alguma falta de interesse por esta competência.

Com base nestas ilações, apresentei o tema ao meu orientador científico e à minha orientadora do estágio de Português, manifestando interesse em trabalhar a minha PES num desenvolvimento contínuo e interativo destas competências, na medida em que o ensino-aprendizagem da disciplina de Português assenta nestes quatro grandes núcleos: oralidade, leitura, escrita e funcionamento da língua, que devem convergir para aquele que é o objetivo central da disciplina: “promover o desenvolvimento da competência linguístico-comunicativa dos alunos. Ou seja, promover o desenvolvimento de sub-competências (...) diversificadas relacionadas com a produção e compreensão de discursos orais e textos escritos.” (Dionísio e Castro, 2005: 148). Não podendo ainda esquecer que se tratava de alunos do ensino

secundário, que, no final do seu ciclo de aprendizagem, enfrentavam um exame nacional, que direta ou indiretamente avalia as competências mencionadas.

Em relação ao estágio de Latim, a abordagem seria distinta, contudo, as competências seriam trabalhadas. De forma direta na leitura, nas entoações e pausas, e no funcionamento da língua, como por exemplo nas construções sintáticas, semânticas e vocabulário. Indiretamente na escrita e na oralidade, mas que interdisciplinariam com o Português, na construção de um discurso oral e um discurso escrito corretos.

Com as linhas mestras do desenvolvimento da minha PES e incorporando o papel de docente, iniciei uma pesquisa científica em torno destas quatro competências, de modo a poder trabalhá-las da forma mais eficaz com os alunos e contribuir para o seu crescimento pessoal e académico. Embora ciente de que não se trata de um campo inovador, optei por investir na aquisição de conhecimentos estratégicos úteis para o meu futuro profissional. Tendo em conta que o limite de páginas condiciona, em certa medida, grandes expansões científicas, decidi abordar objetiva e resumidamente as quatro competências para enquadrar a didática da minha PES.

II.1. A Oralidade

Esta competência é a primeira a ser adquirida pelo indivíduo, no entanto, foi a que mais tarde entrou nos programas escolares, sendo aquela em que mais equívocos se identificam, como afirma Emília Amor: “O oral é, talvez, a zona do ensino-aprendizagem da língua materna – e, provavelmente não só no caso do Português – em que se pode detetar um maior número de equívocos e a que, em contradição, menor atenção se dedica” (Amor, 2003: 62). As razões para esta situação podem ser de variada ordem, como diz ainda Emília Amor: “Em parte porque é a forma de linguagem que primeiro se adquire e se domina, a que ocorre como mais «natural», a que permite maior espontaneidade e expressividade como suporte permanente da comunicação...” (ibidem). Dessas razões se ocupa também Olívia Figueiredo, salientando, por sua vez, as seguintes: (1) a dificuldade na objetividade e avaliação da

performance dos alunos; (2) o desconforto por parte dos professores em ensinar e avaliar a oralidade; (3) a quase inexistência de material didático claro; (4) a utilização intuitiva para o ensino do oral; (5) a falta de distinção entre o discurso pedagógico-didático e as atividades para trabalhar e refletir a comunicação oral.

Atendendo à situação da oralidade no contexto pedagógico, o Ministério da Educação (ME) esforçou-se no sentido de colmatar este déficit, conferindo-lhe um lugar de destaque, expresso no Programa de Português, ao atribuir uma avaliação específica de 25% na nota final do aluno. Deste modo e como refere Emília Amor, na sala de aula, os professores começaram a proporcionar espaços para que “se criem momentos e condições para o exercício da palavra com propósitos diversificados” (Amor, 2003: 66), culminando nas exposições orais, previstas no Programa de Português, com base na leitura de uma obra ou o desenvolvimento de um tema, de forma a cumprir com a aprendizagem dos traços que caracterizam a exposição oral:

“atentar para o timbre da voz, para a altura da emissão vocal, para o complexo fenómeno que se chama entoação das frases, bem como saber jogar, adequadamente, com gestos do corpo, dos braços, das mãos e da fisionomia. (...) prender a atenção (...). Finalmente, há a questão da boa apreensão das nossas palavras, envolvendo um ajustamento delicado da sua enunciação e até da sua escolha...” (Junior, 1978: 16-17).

II.2. A Leitura

Como afirma John Potts, “Ler constitui uma prática complexa” (Potts, 1979: 7) e esta tem sido uma competência que tem sofrido alterações no contexto escolar. Desde consistir unicamente no ato de ler em voz alta, para, hoje em dia, ter uma estreita relação com o conhecimento, uma vez que a compreensão/interpretação de um texto, independentemente da sua natureza, (re)constrói o conhecimento do seu leitor. Cria-se assim uma interlocução entre texto e leitor, trabalhando-se simultaneamente a classificação de A.J.Harris seguida por John Potts da leitura em duas categorias: “a leitura funcional, isto é, aquela que se faz para obter a informação necessária para solucionar um problema específico” (Potts, 1979: 17) e “a leitura recreativa” (ibidem) que considera ser “uma das maneiras mais agradáveis de aprendermos com a experiência dos outros” (ibidem).

No que respeita ao contexto pedagógico, o Programa de Português inclui a leitura de vários tipos de textos, entenda-se literários e não literários, para que o aluno proceda a diversas atividades de construção pessoal e académica, isto é, “que a escola faça do aluno um verdadeiro leitor e lhe transmita o desejo de assim se manter” (Figueiredo, 2005: 69). Esta aceção da leitura cabe ao professor, que a pedagogia moderna coloca como o mediador, a quem compete proporcionar novos métodos de leitura e compreensão do texto; tal significa, por exemplo, “levar os alunos a viverem efetivamente, a submeterem-se à ficção, abandonarem-se à ilusão referencial, deixarem-se transportar pela história, reagindo emotivamente ao que lhe é proposto” (Figueiredo, 2005: 72). Esta é uma referência já defendida em anos anteriores e que pode ser sintetizada através de Jonh Potts: (1) ler permite adquirir cultura; (2) ler permite obter êxito no ensino; (3) ler permite alcançar uma relação democrática (cf. Potts, 1979: 15-16). Porém, nos dias que correm, ainda está longe de se conseguir esta aceção, porque o texto perde facilmente a sua função recreativa devido à necessidade de ser estudado para o exame final e “se as experiências que proporcionarmos aos nossos alunos não forem satisfatórias, dificilmente podemos esperar que eles consigam atingir o que consideramos hábitos satisfatórios de leitura.” (Potts, 1979: 53), sendo necessário ter em linha de conta, na escolha dos textos, os três elementos defendidos por Potts: legibilidade, interesse e facilidade de compreensão (cf. Potts, 1979: 54) para não se cair na incapacidade de os utilizar, mantendo a qualidade, exigência e rigor.

II.3. A Escrita

Na escrita, o elemento de destaque sempre foi a composição/redação de um texto a partir de um tema proposto, seguida da correção pelo professor, no que respeita à forma. Por fim, vinha a correção escolar pelo aluno, o que parecia apontar para uma relação ‘fria’ entre criador (o aluno), produto (o texto) e leitor (o professor e/ou alunos).

Atualmente, o ensino-aprendizagem vai para além deste pressuposto, não se reduzindo, por princípio, aos conteúdos formais anteriormente mencionados, no sentido de dotar os alunos de uma “competência escritural (...) (inferir, mobilizar

conhecimentos anteriores pertinentes, antecipar, guardar informações na memória, redigir um texto em função de projetos precisos, domínio da língua) ” (Figueiredo, 2005: 83). Este novo modelo implica valorizar a escrita enquanto processo, o que leva a ensinar o aluno a construir o seu próprio texto a partir dos momentos de planificação, textualização e revisão, de modo que se racionalize o ato de escrever, em função do aprendido (essencialmente na escola, lugar institucional de aprendizagens) e herdado (as representações individuais ou coletivas que cada aluno traz consigo) (cf. Figueiredo, 2005: 89). Compete, assim, ao professor dotar os seus alunos das ferramentas didáticas que lhes permitam ser ‘escritores críticos’ que reúnam as competências formais e semânticas para alcançarem o produto final, a escrita.

Em contexto pedagógico, e dando cumprimento ao Programa, os diferentes tipos de texto poderão ser respeitados, fazendo interagir o saber de referência e o saber individual do aluno, numa consistente reconstrução do saber não só mas também pela escrita. Importa ainda mostrar que a escrita realizada pelo aluno é lida pelo professor com algum objetivo, como forma de motivar o aluno continuamente e/ou utilizá-lo em qualquer circunstância pedagógico-didática, como modelo a usar ou para tratamento do erro.

II.4. O Funcionamento da Língua

O ensino da língua sempre esteve associado ao ensino da gramática de forma independente dos outros elementos que compõem o texto.

Contrariamente a esta ideia, os atuais *currícula* apresentam o ensino da gramática como parte integrante do desenvolvimento da competência comunicativa (“O estudo reflexivo sobre a língua (...) resultará na aquisição de uma consciência linguística...” – Programa de Português, 2001: 26). Assistimos, assim, a uma alteração do modo de ensinar a gramática, uma vez que se procura dotar os alunos de uma dimensão linguística processual, consoante o ano de ensino, seguindo, por exemplo, o que Olívia Figueiredo apresenta como “os elementos de uma gramática escolar” (Figueiredo, 2005: 116), que deverá, em sua opinião, privilegiar as atividades de análise e estruturação da língua numa progressão de três fases: (1) a análise de uma

bateria representativa da diversidade do Português Contemporâneo; (2) a incidência na gramática, onde o aluno constrói progressivamente quatro tipos de conhecimento – os diferentes grupos constitutivos de uma frase, as funções gramaticais de cada um desses grupos, as diferentes unidades que compõem cada um dos grupos e os seus valores semânticos, o encadeamento de frases por coordenação e subordinação; (3) a exploração dos conhecimentos adquiridos (cf. Figueiredo, 2005: 116-117). Para o desenvolvimento desta progressão em sala de aula, cabe ao professor selecionar a bateria representativa com base no conhecimento geral dos alunos, para que possa colmatar as falhas dos alunos e fazê-los progredir para novos conhecimentos.

II.5. Para uma interação das competências comunicativas

Depois de referidas individualmente: oralidade, leitura, escrita e funcionamento da língua, conforme descrição apresentada no Programa de Português, é necessário interligá-las na sua relação com a pedagogia da língua materna, de modo que os objetivos específicos do Programa sejam alcançados.

O funcionamento da língua, e de acordo com o Programa:

subjaz a todas as outras componentes e nelas se inscreve, (...). Na expressão escrita, os alunos desenvolvem mecanismos que lhes permitem manipular eficazmente estruturas linguísticas, discursivas e semânticas (...) o que pressupõe uma reflexão e sistematização sobre os processos que garantam a coesão, a coerência e a adequação textuais. Na leitura, (...), é fundamental o material linguístico (...). Na compreensão e expressão oral, os padrões entoacionais (...) desempenham um papel fundamental na organização do discurso, contribuindo para a sua coesão e configurando diferentes estratégias de fluência e de adaptação a actividades orais específicas. (Programa de Português, 2001: 26).

Ou seja, o funcionamento da língua permite a regulação de todos os núcleos comunicacionais.

A leitura e a escrita permitem um trabalho de melhoria, contribuindo para o aumento do léxico e um domínio maior do número de estruturas frásicas.

A oralidade, apesar de ser adquirida em primeiro lugar, também só tem a beneficiar nesta interação de competências, para que os alunos, conforme refere

Carlos Lomas, se afastem das suas práticas quotidianas e espontâneas e tenham uma aprendizagem distintiva do uso formal e informal da língua:

Os usos formais da língua requerem um conhecimento das convenções próprias de cada género discursivo e das estruturas textuais prototípicas, um domínio dos distintos registos linguísticos, um controlo sobre o próprio comportamento linguístico que, dificilmente, se pode adquirir sem uma intervenção didáctica sistemática. (Lomas, 2003: 91).

Para um aumento desta interação em contexto escolar, contribui, em grande escala, a Literatura, uma vez que promove e interage com os quatro núcleos de competências aqui referidos. Com a Literatura, o aluno poderá cumprir os objetivos a que está proposto em cada ciclo letivo e adquirir o gosto pela leitura recreativa, como defende Olívia Figueiredo:

(...) dever-se-á, no entanto, em situação didáctica, criar condições para que o aluno adquira competências literárias, no sentido da mobilização de um certo estado de espírito, uma atenção às características das obras, um interesse pelos livros, pela poesia, pela prosa de ficção, pela dramaturgia, isto é, por valores e por atitudes que não são directamente avaliáveis no quadro do trabalho escolar, mas que contribuem fortemente para o despertar da motivação para a literatura. (Figueiredo, 2005: 96-97).

Em última análise, é na figura do professor que se centra esta gestão interativa, na medida em que não vêm expressas no Programa linhas obrigatórias ou modelos de condução e orientação rígidos destas quatro componentes, pois, seja da escrita à leitura, da oralidade à escrita, do funcionamento da língua à escrita, entre outros caminhos, a verdade é que se cruzam sempre.

E fazendo minhas as palavras de Ana Cristina Macário Lopes, “o reconhecimento, por parte dos alunos, do modo como a linguagem pode subtilmente manipular, distorcer e ‘naturalizar’ visões do mundo é um requisito importante para o efectivo exercício de uma cidadania interventiva” (in Dionísio e Castro, 2005: 150), pois o aluno não deve ser apenas preparado para os exames nacionais, mas também para o mundo.

CAPÍTULO III

O ESTÁGIO DE PORTUGUÊS

III.1. Prática pedagógica na turma 12º F

III.1.1. Caracterização da Turma

O 12º F, turma do Curso de Ciências Socioeconómicas, contava, no início do ano letivo 2011/2012, com um total de onze alunos inscritos (seis rapazes e cinco raparigas), nove dos quais matriculados na disciplina de Português e um a assistir para efeitos de melhoria de nota em exame nacional. Dos nove alunos matriculados, todos concluíram o ano letivo. A turma era predominantemente constituída por alunos de nacionalidade portuguesa, com exceção de um aluno proveniente de Cabo Verde, que veio para Portugal para concluir o 12º ano de escolaridade, estando as suas idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos.

Enquanto alunos de Economia, ambicionavam fazer o prosseguimento de estudos nas áreas de Gestão, Contabilidade e Fiscalidade, à exceção de duas alunas, uma das quais manifestou interesse na área da Matemática e outra na área de Arquitetura Paisagística (aluna matriculada apenas na disciplina de Português, por motivo de reprovação no ano anterior).

É de salientar que se tratava da primeira vez que a Professora Isabel Leal lecionava esta turma, não tendo qualquer *feedback* para me passar. Os alunos nos 10º e 11º anos tinham tido três professoras diferentes, por variados motivos, o que levou a turma a evidenciar lacunas na aquisição das competências da disciplina.

Numa apreciação global e pessoal da turma, considero o 12º F uma turma que se distanciava muito da docente, o que a tornava pouco cativante, não revelando grande entusiasmo e interesse pela disciplina. Durante as aulas, mantinham-se extremamente silenciosos, atentos à aula através dos materiais pedagógicos, sem proporcionar grandes interações espontâneas, sendo a sua participação maioritariamente por indução da docente. Nas suas intervenções, os alunos mostravam lacunas nas competências comunicativas, à exceção de dois que se

distinguiam, em larga escala, dos restantes colegas, o que era visível também nos resultados obtidos.

III.1.2. Observação das Aulas da Professora Isabel Leal

Ao longo do estágio, pude assistir a todas as aulas da minha orientadora à turma F do 12º ano, que correspondia também a uma das turmas principais da minha PES.

Toda esta fase de observação foi de extrema importância e utilidade, na medida em que me permitiu uma primeira aprendizagem através de um exemplo em contexto de trabalho, presenciando todos os momentos de uma aula, tanto no que respeita à professora como aos alunos. Tendo em conta que a minha prática letiva seria ao longo dos três períodos, foi possível regular as minhas observações, focando diferentes momentos.

Numa fase inicial, a primeira preocupação foi observar a atitude da Professora no seu primeiro contacto com a turma, tal como iria acontecer comigo assim que iniciasse a minha PES com as turmas de estágio. Este era para mim um ponto muito importante de aprendizagem, dada a insegurança e receio sentidos para este desafio. Deste modo, tomei especial atenção aos seguintes aspetos: (1) imposição da disciplina desde o primeiro instante; (2) firmeza na condução da aula; (3) abertura aos alunos, mostrando a importância de colocarem questões sempre que considerassem pertinente.

Com o passar das aulas, fui centrando a minha atenção em outros pontos: a gestão do tempo para as diferentes atividades programadas e a gestão das situações de imprevisto, sendo sempre notória a confiança e firmeza nas aulas da docente; a variedade de atividades pedagógicas, como a leitura, a escrita, os exercícios de funcionamento da língua; a introdução das atividades de (re)conhecimento, que são sempre uma mais-valia para o desenvolvimento dos alunos, através de novos textos, músicas, documentários e outros.

Das aulas observadas, gostaria de referir em particularo que se impôs como exemplo pedagógico futuro: a organização de toda a prática pedagógica, que permitia

responder a qualquer situação imprevisível, e a relação pedagógica mantida com os alunos, dando lugar à voz dos mesmos na sala de aula, sem nunca quebrar a barreira professor/aluno, prevalecendo sempre o respeito e o incitamento ao conhecimento.

III.1.3.Prática de Ensino

A minha PES aconteceu de forma faseada ao longo do ano letivo, abrangendo os três períodos e de modo que pudesse lecionar a maioria dos conteúdos programáticos. A orientadora sempre considerou uma mais-valia esta passagem pelos diferentes momentos e poder verificar os variados desempenhos dos alunos em conteúdos diversos, com o que concordei plenamente.

Tendo em conta o calendário escolar e o meu calendário de Mestrado, ficou estipulado que no 1º Período lecionaria o heterónimo Alberto Caeiro, no 2º Período *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e *Mensagem*, de Fernando Pessoa, e no 3º Período *Memorial do Convento*, de José Saramago. Para a execução de todas estas matérias, considerou-se que ficaria com alguns blocos em cada um dos conteúdos, correlacionando-os com as aulas da orientadora.

III.1.3.1.Sequências Didáticas

III.1.3.1.1.Preparação

Na preparação da primeira sequência didática de toda a minha PES, o heterónimo Alberto Caeiro, senti muitas dúvidas acerca das metodologias a utilizar, de modo que pudesse, por um lado, motivar os alunos (como mencionei na caracterização da turma, os alunos não interagem, limitando-se, muitas vezes, a ouvir os conteúdos, sendo a sua participação por indução da docente) e, por outro, ser rigorosa e exigente, cumprindo com os objetivos, pois tratava-se de uma turma em ano de exame nacional. Outras preocupações eram conseguir gerir o tempo e cumprir com todas as atividades que propunha realizar em três blocos de 90 minutos. De salientar que todas as minhas hesitações tiveram o acompanhamento da Professora Isabel Leal, que sempre contribuiu positivamente para o dissipar de dúvidas e insegurança.

Com esta apreensão inicial, comecei a pensar no modo como poderia fazer uma abordagem diferente e fazer prevalecer o contacto dialogado com os alunos, tentando induzir a interação. Fui reunindo alguma informação pedagógica, como imagens e linhas de orientação que pudessem caracterizar Alberto Caeiro e abrir portas à análise da sua poesia. Assim, optei por elaborar um *Power Point* (PPT) condutor da aula, que servisse alunos e professora, numa ótica de diálogo aberto. A competência a prevalecer nesta primeira fase seria a oralidade, visto ser a menos evidente na turma. Pretendia ainda mostrar à turma que a Literatura, em particular a Poesia, está sempre presente nas várias áreas e muito próxima de nós. Para isso, recorri a três áreas artísticas do interesse dos alunos: (1) a dança, através do programa da SIC, “Portugal tem Talento”, com a interpretação do poema “Cântico Negro” de José Régio em *Dance Street*; (2) a ficção, com recurso à novela brasileira “Como uma Onda”, que contém a declamação do poema “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo”, de Alberto Caeiro; (3) a música, com o “Projeto Algodão”, do conhecido cantor Pacman, que canta o “Poema em Linha Recta”, de Álvaro de Campos, em *rap*. Todo este processo era acompanhado por fichas informativas, como se pode ver em exemplo nos anexos I e II, lidos e analisados em aula.

Para a análise dos poemas, consultei o manual adotado, *Antologia 12º*, e escolhi três poemas que, no meu entender, correspondiam a uma visão da poesia de Alberto Caeiro: “Sou um guardador de rebanhos”, “Num dia excessivamente nítido” e “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia”. Feita a seleção, a preocupação era como analisar os poemas, continuando a trabalhar a oralidade. Decidi por uma análise em conjunto dos três poemas, fomentando a tiragem de notas durante a análise de um poema que fosse ao encontro dos conteúdos explorados no PPT e nas fichas informativas entregues. A par dos conteúdos temáticos e estilísticos, seria também abordado o funcionamento da língua e a escrita, de forma a não esquecer a linha temática orientadora da minha PES. No que diz respeito ao funcionamento da língua e com base nos poemas, considerei pertinente rever as orações coordenadas e subordinadas e a análise sintática. Em relação à escrita, e apoiando-me nos resultados comuns da expressão escrita em exames, reuni as

análises realizadas em aula num texto expositivo-argumentativo ao jeito do Grupo I B do Exame Nacional (Anexo III).

Na preparação da segunda sequência didática, intertextualidade entre *Os Lusíadas* e *Mensagem*, senti-me um pouco mais segura na planificação dos conteúdos e na gestão do tempo, visto já ter um melhor conhecimento do trabalho dos alunos comigo. Para esta sequência tinha ficado decidida uma abordagem em dois momentos: (1) a leitura e análise do poema da *Mensagem* “Ulisses”; (2) uma análise intertextual dos poemas “Adamastor” e “Mostrengo”. A planificação destas aulas privilegiou mais uma vez a interação com os alunos, dado a turma continuar sem evoluir nesta competência. Para o efeito, reuni um conjunto de imagens que pudesse levá-los à interpretação oral, terminando na análise escrita, à semelhança da sequência anterior.

Para a terceira e última unidade com o 12º F, já no 3º período, escolhi um excerto do capítulo V da obra *Memorial do Convento*, presente no manual, uma vez que tinha de ter em atenção a gestão do tempo, apenas um bloco. Este excerto abordava a realidade história (os autos de fé), a ficção (Baltasar e Blimunda) e ainda permitia rever o conteúdo do discurso direto, a partir da escrita não convencional do nobel Saramago. Com 90 minutos apenas, planifiquei três momentos: (1) a leitura do excerto; (2) discussão, por um lado, da vertente histórica do povo e, por outro, do contraste entre o amor real e o amor meramente carnal, num cruzamento entre a realidade e a ficção da obra, fazendo a distinção das classes sociais; (3) a sistematização e revisão do discurso direto no quadro pelos alunos.

De modo que ficasse completa a construção das sequências didáticas, desenhei a planificação de todos os blocos, com base nos objetivos do Programa de Português, prevendo as minhas ações e as dos alunos (Anexo IV), de forma a tentar disciplinar a condução da aula, dando sempre espaço, na minha mente, a alterações possíveis, devido às atitudes imprevistas dos alunos. O modelo de planificação utilizado foi a junção do modelo da escola e a que construí no 1º ano do Mestrado, optando por elaborar um documento que fosse de melhor compreensão para mim e para quem quisesse conduzir a minha aula, já que a orientadora deu liberdade na construção dos documentos.

De salientar que apesar de conhecer a turma pelas aulas observadas e saber que a sua participação era quase nula, quis arriscar e tentar perceber se era possível alterar aquele comportamento, independentemente do sucesso ou insucesso que podia obter.

III.1.3.1.2.Execução

A primeira sequência didática a lecionar no 12º F correspondeu também à minha primeira experiência letiva do estágio e não fui imune aos sentimentos de nervosismo, insegurança e incerteza face aos materiais elaborados, tanto do ponto de vista científico, como do interesse dos alunos. Contudo, foi extremamente importante o apoio e incentivo dados pela orientadora no minuto antes da entrada na sala de aula.

Iniciada a aula, senti que tudo o que estava planificado tinha sido esquecido. Sendo a primeira aula, considerei importante contextualizar a minha presença enquanto estagiária, como forma de me enquadrar na sala de aula. De seguida, iniciei o conteúdo planificado – Alberto Caeiro.

Com base no Programa de Português e ao mesmo tempo com o objetivo de cativar os alunos, a metodologia, como mencionado anteriormente, foi a de os estimular, centrando-os no conteúdo através de um PPT, que os levava à leitura e discussão, completando com sucintas fichas informativas, elaboradas por mim, a partir da Carta sobre a Génese dos Heterónimos enviada a Adolfo Casais Monteiro, presente no manual.

De início, tentei afastar os alunos do manual e evitar a cabeça baixa, porém, foi difícil conseguir a participação da turma. Tentei não desanimar, pensando sempre no que tinha reservado para o final da aula, os programas televisivos recentes que continham a conteúdo programático lírico. Este momento foi, de facto, aquele em que senti maior entusiasmo e interesse dos alunos pelo que visionavam, levando-os a participar espontaneamente, embora de forma ligeira. Apesar da curta participação, confesso que fiquei contente e tal levou-me a reconsiderar um equilíbrio entre o

designado mais “escolástico” e o mais “atual”, como meio de cativar os alunos, não esquecendo o rigor nestas escolhas.

A segunda sequência didática – *Os Lusíadas* e *Mensagem* – dividiram-se em dois momentos distintos no tempo de aulas. Primeiramente, a aula de análise do poema “Ulisses” e, mais tarde, a leitura e análise intertextual de “Adamastor” e “Mostrengo”. No primeiro momento, insisti novamente na minha luta pela interação oral da turma, recorrendo ao PPT para discussão de imagens numa viagem pela Antiguidade Clássica dos deuses e mitos. No entanto, voltei a verificar o que constantemente se evidenciava, os alunos continuavam com um baixo índice de motivação e participação nas diferentes abordagens. O mesmo acontecia com a análise literária, acabando por optar, tal como a minha orientadora fazia, pela participação oral por indução direta ao aluno, num cenário de pergunta/resposta que fosse ao encontro dos objetivos propostos para a aula, sem nunca comprometer o cumprimento do Programa em ano de exame. O segundo momento não se revelou muito diferente, mas aqui já optei pela leitura e escrita, reservando para a parte final da aula uma novidade. Terminada a análise literária, e aproveitando o tema do “Homem do Leme”, brindei os alunos com a conhecida música dos Xutos & Pontapés, de forma a presenteá-los com um momento relaxante. Foi, mais uma vez, com este tipo de atividades que obtive uma reação mais explícita por parte dos alunos, parecendo evidenciar-se que as aulas de Português também podem ser divertidas como outras disciplinas.

A terceira e última sequência didática, *Memorial do Convento*, não se distanciou de toda a experiência letiva que estava a ter com esta turma. Por indução, os alunos acatam os pedidos, leem e respondem às questões colocadas, mas de forma simples e breve. Sempre que incentivava ao debate, sentia uma retração da sua parte. Neste sentido, a aula pautou-se pela leitura de excertos do capítulo V presentes no manual, que enriqueci com outros excertos da obra, uma vez que era visível que apenas uma aluna tinha lido a obra integral. Após a leitura, questões diretas aos alunos. Para meu espanto, nem o excerto que descrevia a relação amorosa de Baltasar e Blimunda suscitou qualquer reação. Por fim, a resolução do questionário do manual.

Deste modo, considerei ter focado todas as competências comunicativas que orientam a minha PES. No entanto, é importante referir que, apesar de ter planificado as aulas, o comportamento dos alunos é que acabou por influenciar a gestão do tempo. De um modo geral, os objetivos didáticos foram cumpridos, já os objetivos relativos à interação foram alcançados apenas em momentos muito breves das aulas, não sendo tão positivo o resultado a que me tinha proposto.

III.1.3.1.3 Avaliação

O meu contributo na avaliação do 12º F esteve presente em vários momentos durante o ano letivo de 2011/2012.

A Professora Isabel Leal deu-me a oportunidade de participar na avaliação das exposições orais do 1º e 2º períodos, debatendo-se no final os resultados, de modo a aferir-se a classificação mais justa de cada aluno.

Durante o 2º período, aceitei o desafio de corrigir os testes de avaliação sobre a unidade de *Os Lusíadas* e *Mensagem*, já que o poema escolhido tinha sido analisado por mim. Neste momento, a expectativa e responsabilidade pareciam ter aumentado, visto que, do meu ponto de vista, a correção de um teste/exame de Português tem sempre um elevado grau de subjetividade, apesar da existência de cenários de resposta e descritores de desempenho. Era, sem dúvida, um dos momentos altos da minha PES, pois ia verificar os resultados da minha intervenção e avaliar o meu desempenho enquanto corretora. Após a minha correção e posterior correção da Professora Isabel Leal, pude comparar os resultados e, para grande satisfação pessoal e profissional, os desvios eram apenas de décimas. No que diz respeito aos resultados dos alunos, manteve-se o panorama habitual de notas, pois dos dez alunos que realizaram a prova, houve oito positivas (seis suficientes, um bom e um muito bom) e duas negativas (medíocres), mas houve uma melhoria nos resultados individuais.

O trabalho avaliativo da minha PES foi formativo e fez parte dos 20% da nota final do aluno no respetivo período. Dado o historial da maioria dos alunos, optei pela realização de uma produção escrita, equivalente à questão B do grupo I de Exame Nacional, conforme mencionado no ponto 1.3.1.1 e presente no anexo III. Para o

efeito, elaborei os cenários de resposta (Anexo V) e os descritores de desempenho (Anexo VI), para facilitar a correção e poder retirar frutos para o meu futuro profissional. Esta escolha prendeu-se com o facto de já ter privilegiado inúmeras vezes a oralidade durante a execução das minhas aulas e esta competência também ser alvo de grandes dificuldades, principalmente na elaboração da estrutura externa de um texto e na sua articulação. Mais uma vez, tive oportunidade de comparar os meus resultados com os resultados da correção da orientadora, que foram coincidentes. No momento da entrega dos trabalhos, ficou a meu cargo comentar os resultados e os desempenhos individuais, numa escala de Mau a Muito Bom, à semelhança da prática comum da Professora Isabel Leal.

III.2. Prática pedagógica na turma 11º D

III.2.1. Caracterização da Turma

O 11º D, turma do Curso de Ciências e Tecnologias, contava, no início do ano letivo, com dezoito alunos inscritos a português (nove raparigas e nove rapazes). No arranque das aulas estavam presentes apenas dezassete alunos, pois uma aluna nunca compareceu, nem anulou matrícula, e outra, repetente e inscrita a Português para melhoria, acabou por anular a matrícula. Dos dezoito alunos inicialmente matriculados, quinze concluíram o ano letivo, já que um terceiro aluno acabou por desistir, sem anular matrícula.

Todos os alunos, cujas idades ficavam compreendidas entre os 15 e os 17 anos, eram de nacionalidade portuguesa, embora três tivessem ascendência africana e chinesa. Estavam inscritos no 1º Agrupamento, mas face aos objetivos futuros ainda havia muita indecisão, uma vez que tudo dependeria das notas nos Exames Nacionais. Embora tentasse ir mais ao fundo desta questão, não foi possível obter respostas muito concretas.

Ao contrário do 12º F, o 11º D tinha sido uma turma da Professora Isabel no ano letivo anterior, sendo notória a boa relação pedagógica já conquistada anteriormente.

Durante a minha “silent phase” (Wajnryb, 1992: 7), verifiquei, mais uma vez, lacunas ao nível da expressão oral, e a própria orientadora me informou que, embora fossem muito participativos, também apresentavam dificuldades na escrita, pois dificilmente conseguiam fazer a transposição das informações para o texto escrito. Com esta informação, considerei ainda mais importante trabalhar a interação das competências comunicativas, o que reforçou a escolha deste tema como linha orientadora da minha PES.

A minha apreciação global e pessoal da turma, desde o início, foi muito positiva e expectante, uma vez que observava um elevado grau de participação, alunos interessados, motivados e afáveis, o que fazia aumentar a minha vontade de trabalhar com a turma.

III.2.2. Observação das Aulas da Professora Isabel Leal

O processo nesta turma desenrolou-se à semelhança do 12º F, pois era a outra turma de trabalho da minha PES.

Mais uma vez, o trabalho de observação foi fundamental, permitindo conhecer a turma e continuar a aprender com o exemplo da Professora Isabel Leal.

Segui as mesmas fases descritas com o 12º F. O contacto com os alunos, neste caso, era diferente, pois já estava criada a relação pedagógica, mas eram visíveis os mesmos critérios: (1) a disciplina imposta aos alunos; (2) a firmeza na condução das aulas; (3) a abertura aos alunos. De referir que os resultados aqui eram diferentes, pois esta relação já existia e os próprios alunos já conheciam as regras da sala de aula.

A par da observação que fazia no 12º F, concentrei a minha atenção na gestão do tempo, na gestão das situações de imprevisto, na variedade das atividades, sendo mais uma vez evidente a confiança e firmeza por parte da orientadora, aliada ao conhecimento do programa, aumentando a visão que tinha como exemplo, já referido em 1.2.

III.2.3. Prática de Ensino

Com o 11º D, a minha prática de ensino também decorreu de forma faseada pelo ano letivo. Com base nos calendários, estipulou-se que, no 1º Período, lecionaria o *Sermão de Santo António aos Peixes*, de Padre António Vieira, no 2º Período *Os Maias*, de Eça de Queirós, e no 3º Período *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett. O motivo deste faseamento foi o mesmo que para o 12º ano (*vide* 1.3).

III.2.3.1. Sequências Didáticas

III.2.3.1.1. Preparação

Quando cheguei à fase de preparação dos materiais para o 11º D, já tinha iniciado a planificação para o 12º F, o que, de certo modo, influenciou a metodologia a utilizar. Privilégio da interação oral, dadas as lacunas evidenciadas, e, seguidamente, a escrita, informação fornecida pela orientadora, complementando com as restantes competências, num equilíbrio baseado no Programa de Português.

Ao contrário do que havia acontecido com o 12º ano, senti-me mais confiante e com maior clareza face às minhas escolhas pedagógicas e como queria conduzir as aulas. Uma das razões que encontrei para esta confiança foi o bom ambiente e a afabilidade observados, o que estimulava a vontade de trabalhar com estes alunos.

Na preparação da primeira sequência didática, dividida em duas partes, lecionar o início da unidade – contextualização – e o fim – capítulo VI do *Sermão de Santo António aos Peixes* –, optei por realizar aulas completamente distintas e que fossem diferentes do que estavam habituados. Para a primeira parte, achei pertinente serem os alunos a construir o seu conhecimento através de excertos do Programa Televisivo *Grandes Livros*, emitido pela RTP 2. Para o efeito, elaborei uma ficha de trabalho que deveria ser preenchida durante o visionamento (Anexo VII) e outra ficha de trabalho (Anexo VIII) com consulta dos materiais que considerassem pertinentes para o devido preenchimento. Com esta metodologia, pretendi que a passagem para a contextualização do autor e época em estudo desse maior ênfase à interação comunicativa, visto terem adquirido algum conhecimento prévio do assunto. De seguida, construí fichas informativas para complemento da informação adquirida, com

o auxílio de livros escolares, para análise na aula (Anexo IX). Para a segunda parte, quis inovar o ato de ler e preparei a leitura do Capítulo VI do Sermão em forma de pregação, com um púlpito improvisado, escolhendo três alunos para o efeito, com a ajuda da orientadora. Em seguida, a interpretação oral do excerto lido e a análise do capítulo através de uma ficha de trabalho, que seguisse, em parte, a estrutura do exame (Anexo X), com a finalidade de contribuir para a disciplina das respostas dos alunos. Outro objetivo na construção desta ficha era avaliar formativamente o grupo da produção de escrita, de acordo com os critérios de exame, tal como tinha sido pensado para o 12º ano.

Para a segunda sequência didática, *Frei Luís de Sousa*, tentei, na mesma linha, conciliar as quatro grandes competências e continuar a diversificar algumas atividades. Ficou estipulado que a minha PES iria incidir sobre todo o Ato III. Tendo em conta que entrava no seguimento das aulas da minha orientadora, não quis romper drasticamente com a sua forma de atuação, mas ao mesmo tempo não queria seguir demasiado a sua sombra. Dada a situação, acabou por ser uma sequência didática cuja preparação se me revelou difícil. Após algumas pesquisas em diferentes fontes, decidi que a leitura do ato seria feita de modo contínuo, com exceção do último capítulo, que seria visionado a partir do filme *Frei Luís de Sousa*, da realização de António Lopes Ribeiro. Para o efeito, elaborei um quadro de leitura, para que os alunos se preparassem atempadamente e de modo a garantir que todos participariam. Seguir-se-ia a interpretação oral induzida, uma vez que observei que era uma turma muito participativa, mas em que as intervenções eram muitas vezes dos mesmos alunos, e eu queria que todos participassem, de modo a verificar a existência de dificuldades individuais. Por fim, construí o roteiro de análise do Ato III para trabalhar a expressão escrita, que, como acima disse, constituía a maior lacuna desta turma.

A terceira e última sequência, *Os Maias*, foi, de certo modo, um pouco mais condicionada, devido ao pouco tempo disponível para o efeito. A orientadora entregou-me uma pequena sebenta com os capítulos a analisar e disse-me que deveria escolher alguns excertos. Foram os seguintes os excertos escolhidos: capítulos I e VI, para a caracterização das mulheres, acrescentando um excerto do capítulo V; o capítulo V para caracterizar e contrastar as educações portuguesa e inglesa, através

das personagens Carlos da Maia e Eusebiozinho; e o capítulo IV para caracterizar João da Ega. Todas estas escolhas tiveram em conta a sistematização destes conteúdos no contexto global da obra, porque, infelizmente, cada vez menos os alunos leem as obras de leitura obrigatória. Tendo em conta a gestão do tempo, determinei que à medida que os excertos fossem lidos seria feita a interpretação oral e sistematização no quadro com os alunos, no sentido de colmatar dificuldades na compreensão global da obra.

III.2.3.1.2. Execução

Em todas as sequências didáticas, tive a participação ativa dos alunos, o que funcionou como um bom contributo para a minha atividade docente. No entanto, o interesse e motivação foram mais visíveis em determinados momentos.

Na primeira unidade, consegui perceber que o tipo de atividades de construção autónoma do conhecimento os estimulava e motivava a alcançarem os objetivos. Mesmo assim, durante a execução desta sequência, o saldo foi extremamente positivo, mesmo no desafio de lerem o capítulo VI do *Sermão de Santo António aos Peixes* em forma de pregação, situação que temia poder correr de forma desastrosa. No final, perguntei o que tinham achado e a resposta foi que gostaram muito e que deviam fazer mais vezes leituras representativas.

Quanto à obra *Frei Luís de Sousa*, a execução das minhas aulas correu dentro dos parâmetros normais da turma, sendo a participação o elemento de maior destaque, bem como estarem devidamente preparados para a leitura, respeitando o quadro elaborado.

A última sequência didática com esta turma foi a que se revelou mais divertida, devido aos conteúdos discutidos. A abordagem à caracterização das personagens, às diferentes educações e ao estilo de vida de Carlos da Maia foram alvo de bons debates críticos sobre a obra e a sociedade da época e a atual, enriquecendo decididamente a minha PES. Estes momentos criados pelos alunos permitiram viver e gerir as situações não planificadas, mas que contribuíram largamente para a construção do conhecimento pessoal e profissional.

Tal como fiz com o 12º F, foquei todas as competências previstas na minha PES, utilizando diferentes metodologias e tentando proporcionar diversificadas atividades em sala de aula.

Ao contrário do 12º ano, a turma do 11º D participou assiduamente, o que valorizou o trabalho da competência oral, podendo recorrer à pedagogia do erro oral, corrigindo, por exemplo, vocabulário e construções fráscas, pedindo, muitas vezes, ajuda aos próprios alunos. Com este objetivo alcançado, considero ter aproximado a minha PES do que Carlos Lomas defende, ou seja, a necessidade de se trabalhar em sala de aula o oral formal, que, no meu entender, enriquecerá certamente a escrita.

Mais uma vez, a planificação prévia das aulas foi uma mais-valia, pois deu-me segurança nos conteúdos programáticos, independentemente dos desvios que pudessem surgir.

Em comparação com o 12º F, o 11º D permitiu executar muito mais facilmente aquilo a que me propus como linha temática da minha PES.

III.2.3.1.3. Avaliação

A Professora Isabel Leal, à semelhança da outra turma, deu-me a oportunidade de participar em diferentes momentos da avaliação.

Contribuí também para a avaliação das exposições orais ao longo do ano letivo, sendo sempre dado espaço à minha opinião, de acordo com os critérios estabelecidos pela orientadora para a avaliação.

O trabalho avaliativo da minha PES foi formativo e sumativo.

A contar para a avaliação formativa e a corresponder 20% da avaliação final dos alunos, avalei as produções escritas da ficha de trabalho sobre o *Sermão de Santo António aos Peixes*, numa escala de Mau a Muito Bom, sendo o resultado dos alunos razoável (a maioria obteve suficiente, registando-se alguns bons e apenas um medíocre).

A avaliação sumativa, e que considerei um dos momentos mais gratificantes e compensadores da minha PES, correspondeu à elaboração, aplicação e correção do

teste sumativo (Anexo XI) sobre o conteúdo programático de *Os Maias*. Para a realização deste ponto, a orientadora informou-me que deveria seguir a estrutura do exame e as respetivas cotações, à exceção da produção de escrita, pois deveria optar pela composição de 80 a 130 palavras ou a de 200 a 300 palavras, visto o tempo para o teste ser de 90 minutos. Dadas as indicações e carregando o peso da responsabilidade de criar um instrumento de avaliação de 60%, iniciei um processo de pesquisa pelos exames nacionais de anos anteriores, tendo em atenção a estrutura, as cotações e os descritores de desempenho. Após este trabalho, escolhi o capítulo II, por ser inicial e tratar o suicídio de Pedro da Maia, discutido em aula. De seguida, elaborei as perguntas de interpretação, tentando aproximar-me do modelo de exame. Quanto à produção escrita, optei pela composição de 80 a 130 palavras sobre o tema da Educação, abordado durante a minha prática letiva, como forma de não só avaliar os alunos, como também ver o *feedback* do meu desempenho. Para o Grupo III, duas atividades, uma de verdadeiro/falso sobre as categorias da narrativa, que tão esquecidas estavam, e um texto lacunar sobre a época e vida literária de Eça de Queirós. Para os alunos, construí a matriz do teste (Anexo XII), de modo a elucidar o seu estudo, e os cenários de resposta, para entregar no dia da correção e analisarmos em conjunto. Para mim, elaborei os descritores de desempenho, onde senti grandes dificuldades na distribuição dos diferentes momentos das respostas pelas cotações, de modo a ser justa na complexidade dos pesos (infelizmente, pela sua dimensão, não é possível anexar a este relatório). Embora já tivesse corrigido os testes do 12º ano para treino, este momento correspondia efetivamente à fase da avaliação em contexto de trabalho da minha PES. Sempre com receio de ser injusta, corriji a mesma pergunta de todos os testes, comparando as respostas, para tentar atribuir justamente as cotações em cada questão.

Este trabalho permitiu verificar que a correção de testes numa turma leva bastante tempo e requer a máxima concentração. Dada esta exigência, a cada duas questões que corrigia, parava para descansar, devido à preocupação de atribuir os resultados corretos. Após a correção de todos os testes, entreguei-os à orientadora para a sua correção e este compasso de espera foi de grande apreensão e ao mesmo tempo ansiedade. Após a correção da orientadora, tive, como era comum, o tempo

necessário para comparar os resultados, verificando que as minhas correções se mantiveram, o que, para mim, a nível profissional, foi um grande elogio.

O teste sumativo correspondeu ao último momento da minha PES e foi também aquele que mais sentimentos me proporcionou, desde preocupação e incerteza a responsabilidade e felicidade, continuando a aumentar o desejo de trabalhar na área do Ensino.

Quanto aos resultados obtidos, considero satisfatórios, com nove positivas e sete negativas, reconhecendo que é uma turma com capacidades para alcançar melhores frutos, refletindo-se essencialmente a falta de estudo. Em relação à opção pela pergunta de avaliar o conteúdo da Educação, lecionado por mim, o resultado também foi afirmativo, com 50% dos alunos a ter positiva, como se pode verificar no anexo XIII.

III.3. Conselhos de Turma (CT)

Os Conselhos de Turma foram, sem dúvida, uma mais-valia para o conhecimento da turma e dos alunos individualmente. Permitiram verificar que os comportamentos podem variar de disciplina para disciplina e de docente para docente, bem como a opinião dos próprios professores relativa a cada aluno.

Um factor de relevância foi, nestas reuniões, ser encarada pelos outros docentes como colega e não como estagiária, sendo várias vezes pedida a minha opinião em relação às turmas que lecionava.

Nestes CT, os professores obtêm uma visão global da turma e da sua prestação, uma vez que se conferem notas, discutem-se comportamentos e evoluções, bem como possíveis metodologias a aplicar.

Na disciplina de Português, a média final no 12º F foi de 10.2 valores, com um aluno a reprovar à disciplina e a não ser proposto a exame. Após o Exame Nacional, dois alunos reprovaram. O 11º D obteve 11.1 valores, com todos os alunos a transitarem.

Todos os CT a que assisti contribuíram para momentos de reflexão, como forma de aprendizagem no modo de atuação da profissão docente.

III.4. Outras Atividades

III.4.1. Interação com o 11º H

Ao longo do ano letivo 2011/2012, a par das turmas principais da minha PES, tive oportunidade de interagir com outra turma do 11º ano do Curso de Línguas e Humanidades, a turma H. Esta turma começou com vinte e dois alunos matriculados a Português, mas apenas vinte frequentaram as aulas. Destes, a maioria era de nacionalidade portuguesa, com alunos de ascendência africana, um de etnia cigana e uma aluna brasileira, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos.

Com esta turma, também tive uma fase de observação, que permitiu conhecê-la e estabelecer comparações com a turma D. Estas comparações eram importantes apenas para conhecer diferentes situações em sala de aula.

O 11º H era muito participativo, embora revelasse um comportamento mais agitado, mas que não contribuía negativamente para o desenrolar das aulas. Porém, era uma turma com um elevado grau de dificuldades e lacunas nas aprendizagens, obtendo por isso resultados inferiores, à exceção de um aluno que obtinha resultados acima dos 15 valores na maioria das disciplinas.

Com esta turma, apliquei os mesmos materiais que no 11º D nas sequências 1 e 3. Tal como aconteceu com a outra turma, obtive um bom índice de participação, mas era notório o défice nas quatro competências, corroborando aquilo que me levou a seguir esta linha temática. Embora o trabalho nesta turma não fizesse parte do plano principal da minha PES, não deixei de executá-lo de igual modo, com exceção da 2ª sequência didática, que não foi possível lecionar devido ao estágio de Latim.

Considerei importante, em ano de estágio, aplicar os mesmos materiais em turmas diferentes, pois pude concluir que é necessário termos um bom conhecimento das turmas, porque os materiais pedagógicos que escolhemos e/ou elaboramos para uns podem não ser os mais indicados para outros, sob pena de não se atingirem os resultados desejados. Esta conclusão partiu da minha experiência

pedagógica com o 11º H, que necessitava de outro tipo de abordagens, antes de chegar ao momento de partida do 11º D.

III.4.2. Interação com o 10º G

O 10º G era uma turma de Literatura Portuguesa do Curso de Línguas e Humanidades. A minha interação com esta turma foi a mais reduzida, uma vez que não fazia parte do estágio em Português, mas não quis deixar de poder contactar com o Programa de Literatura Portuguesa.

Inicialmente, tive oportunidade de observar as aulas da Professora Isabel Leal a uma turma composta por catorze raparigas. Durante o 1º período, juntaram-se à turma mais três alunos (um rapaz e duas raparigas). No decorrer do ano letivo, três alunos anularam matrícula, alegando dificuldades na disciplina.

Da fase de observação, pude constatar que a turma era muito interventiva a vários níveis, responder a questões, ler, ir ao quadro, entre outros. No entanto, eram visíveis as dificuldades tanto na oralidade como na escrita (resultados analisados pelos textos realizados e que a orientadora me deixava consultar).

Depois de observadas as aulas, escolhi dois conteúdos para lecionar, *A Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, e *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Para estas matérias, elaborei, primeiramente, uma ficha de trabalho (Anexo XIV) para treinarem a expressão escrita e que entraria nos 20% da nota final do 1º período. Para o segundo momento, *Peregrinação*, optei pela leitura em voz alta e uma análise oral do capítulo 226, presente no manual adotado – *Aula Viva* – para poder trabalhar em conjunto com as alunas a oralidade. Juntamente com esta análise, a audição de poemas de Fausto para uma análise intertextual. Por fim, e por curiosidade, a informação de algumas palavras de origem japonesa.

Em todos os momentos, tive a interação das alunas, que se mostraram muito entusiásticas a novos conteúdos e novas atividades. Nota-se que aceitam os desafios, embora tenham consciência das dificuldades que têm, mas que tentam, passo a passo, ir ultrapassando essas lacunas e poderem alcançar melhores resultados.

Para mim, ter a oportunidade de participar nesta disciplina foi uma experiência muito enriquecedora do ponto de vista profissional e pessoal, uma vez que tive

oportunidade de contactar com conteúdos que não fazem parte do Programa de Português do Ensino Básico e Secundário. No entanto, esperava uma turma que tinha escolhido Humanidades e a disciplina de Literatura pelo gosto dos livros e não, maioritariamente, para “fugir” à disciplina de Matemática, como várias vezes comentavam.

III.4.3. Reunião Geral de Professores (RGP)

No dia 08 de setembro de 2011, fui convocada pela minha orientadora para a RGP no auditório da ESPAN, dando início oficial à minha PES.

Nesta reunião, estavam presentes todos os professores que iriam lecionar no ano letivo 2011/2012, efetivos e contratados, e os elementos que compunham a Direção da Escola (*vide* página 10). Pelas palavras do Diretor, foram dadas as boas vindas a todos os presentes e as primeiras impressões para o presente ciclo letivo: início das aulas a 15 de setembro de 2011; informação dos responsáveis de departamentos e disciplinas; funcionamento das visitas de estudo; manuseamento das plataformas digitais; entrega dos horários dos professores; e informação das reuniões de disciplina a decorrer neste mesmo dia.

O Diretor despediu-se desejando a todos um excelente ano letivo e que as portas da direção estariam sempre abertas.

III.4.4. Reunião de Disciplina (RD)

No mesmo dia da RGP, 08 de setembro de 2011, decorreram as RD, divididas por ano de ensino.

No que respeita à minha PES, assisti às reuniões de Português do 11º ano e 12º ano, juntamente com todos os professores que lecionariam a disciplina nestes anos de ensino.

Esta reunião serviu, essencialmente, para planificar os conteúdos programáticos, discutindo-se os excertos das obras a estudar e o número de blocos para cada conteúdo, com liberdade de gestão de acordo com o processo de

aprendizagem dos alunos/turmas. Por fim, foram propostas algumas visitas de estudo, sujeitas a aprovação, dado o limite de três visitas por turma em horário escolar, sendo incentivadas as saídas em contra horário.

Do meu ponto de vista profissional, esta reunião foi importante para o entendimento da gestão de tempo face a cada conteúdo do programa.

III.4.5. Reuniões de Grupo (RG)

Ao longo do ano letivo 2011/2012, assisti a várias reuniões do Grupo 300 – Português.

Nestas reuniões, os assuntos tratados estavam relacionados com o desenvolvimento da disciplina, como manuais, alunos com necessidades especiais, professores responsáveis por determinadas atividades, entre outros. A par de todas estas informações, os professores eram informados da nova legislação em vigor e dos assuntos tratados em Conselho Pedagógico.

A observação destas reuniões revelou-se importante para o meu futuro profissional, pois elucidou-me bastante sobre as diferentes situações que envolvem o ensino.

III.4.6. *Workshop*: O Novo Acordo Ortográfico (NAO)

Durante uma das RG, a coordenadora da disciplina de Português informou que a Direção Pedagógica planeava a realização de uma ação de informação sobre o NAO para os funcionários da escola e que deveria ser dinamizada pelo Grupo de Português.

Ouvida a informação, considerei uma boa oportunidade para realizar uma atividade não letiva para a comunidade escolar, uma vez que tinha realizado na Escola de Verão da FCSH uma ação sobre este tema. De imediato, informei a minha orientadora da ideia, que concordou e fizemos chegar à Direção a planificação, que prontamente foi autorizada.

Esta ação consistia na apresentação do que tinha sido alterado e se mantinha com o NAO, dividido por mim e pela Professora Isabel Leal. Para o efeito, elaborámos

uma apresentação em PPT, que pudesse ser visualizada durante a sessão e que permitisse ao público acompanhar. Não esquecendo as dificuldades de entendimento que este Acordo tem gerado, criámos também um pequeno manual para os assistentes, que lhes servisse de apoio durante o seu trabalho e que continha ainda espaço próprio para a colocação de notas.

A ação realizou-se no dia 08 de fevereiro de 2012 no auditório da ESPAN. Teve a duração de pouco mais de 90 minutos e contou com uma plateia interessada e com muitas dúvidas sobre o tema, e que nunca deixou de intervir e colocar as suas questões.

No final, todos aplaudiram a sessão e agradeceram a explanação bastante elucidativa, bem como o documento facultado, que estava bastante esclarecedor. Com este *feedback* tão positivo, comentei depois com a minha orientadora que tinha corrido muito bem.

Em relação ao tema do NAO, dediquei ainda a cada turma da minha orientadora uma aula de 90 minutos que esclarecia as alterações do Novo Acordo. A maioria dos alunos já tinha conhecimento e acabou por funcionar como aulas de dúvidas em relação a determinadas palavras.

CAPÍTULO IV

O ESTÁGIO DE LATIM

IV.1. Prática pedagógica na turma 10º J

IV.1.1. Caracterização da Turma

O 10º J da Escola Secundária de Camões, turma do Curso de Línguas e Humanidades, tinha, no início do ano letivo, sete alunas matriculadas na disciplina de Latim, estando os restantes alunos inscritos nas opções de Geografia e Francês. As alunas, com idades compreendidas entre os 14 anos e os 17 anos, eram de nacionalidade portuguesa, à exceção de uma aluna brasileira.

Das sete alunas inicialmente inscritas, uma anulou a matrícula no início do 2º período, alegando preferência pela disciplina de Francês, e uma segunda, que por motivos pessoais e familiares raramente comparecia às aulas, anulou a matrícula já perto do final do ano letivo. De salientar que havia ainda uma aluna de 23 anos a assistir às aulas, por interesse pessoal e para prosseguimento de estudos.

Tendo em conta que eram alunas de 10º ano, nunca procurei saber os objetivos profissionais futuros, por considerar que ainda se encontravam numa fase prematura do Ensino Secundário.

Numa apreciação global e pessoal da turma, considero o 10º J uma turma participativa, embora tal participação partisse quase sempre das mesmas alunas. Apresentavam algumas lacunas na gramática portuguesa que se refletiam na aprendizagem e aplicação da língua latina. Em relação à disciplina de Latim, era muito visível a falta de estudo e a não realização constante dos trabalhos de casa, o que consequentemente tinha reflexos na aprendizagem. De um modo geral, era uma turma afável e de trato fácil, apesar de conversadoras e, por vezes, distraídas nos olhares ao telemóvel, não sendo a pontualidade um fator de destaque na turma.

IV.1.2.Observação das Aulas da Professora Andreia Loio

Ao longo do estágio, pude assistir às aulas da orientadora no 10º J, que correspondia à turma da minha PES. Embora houvesse liberdade para assistir às aulas de Latim do 11º ano dadas pela professora Andreia Loio, tal não me foi possível por coincidirem com o estágio de Português.

A fase de observação foi extremamente importante e útil para a minha atividade docente na disciplina de Latim. Como já tinha iniciado o estágio de Português e as respetivas aulas de observação inicial centradas mais na docente, aqui canalizei a minha atenção para questões relacionadas com a prática do ensino de Latim, respeitando os seguintes pontos: (1) planeamento das atividades; (2) gestão do tempo em cada atividade; (3) metodologias utilizadas; (4) diversidade das atividades.

Verifiquei que a Professora utilizava maioritariamente o manual adotado, *Noua Itinera*, lendo, analisando e traduzindo os textos latinos e respondendo de seguida às questões colocadas. No entanto, ia corroborando os conteúdos com fichas informativas, fichas de trabalho, imagens impressas alusivas, entre outros materiais. Era notória a ida das alunas ao quadro em quase todas as aulas e a sistemática realização de exercícios de revisão, não só em aula, mas também para trabalho de casa, com o objetivo de levar as alunas a um estudo contínuo da matéria. O estudo da língua era acompanhado com o estudo da cultura.

No geral das aulas, salientava-se a boa relação pedagógica entre a Professora e as alunas, nunca deixando de impor o respeito em situações menos adequadas em sala e que pudessem comprometer o desenrolar da aula.

IV.1.3.Prática de Ensino

A minha PES na disciplina de Latim aconteceu em diferentes momentos, numa perspetiva de evolução e de modo a ultrapassar eventuais lacunas da prática docente.

Numa primeira fase, a partilha de momentos de aula com a Professora Orientadora na Unidade 2 – Os Mitos. Depois, uma aula de 90 minutos partilhada com os meus colegas de estágio, Joana Rodrigues e Luís Melo, também na Unidade 2. E, por

fim, dois momentos distintos de aulas individuais nas Unidades 3 – A Fundação de Roma – e 4 – Da Roma do Palatino ao Domínio de Itália.

Toda a PES foi planificada tendo em atenção o calendário escolar, a divisão da turma com os meus colegas de estágio, as estagiárias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o meu estágio de Português.

IV.1.3.1. Sequências Didáticas

IV.1.3.1.1. Preparação

Desde o início que a preparação das aulas de Latim suscitou dificuldades na elaboração dos materiais didáticos. A professora Andreia Loio aconselhou a utilização do manual adotado, que as alunas levavam sempre para as aulas, de forma a evitar-se o recurso a um elevado número de fotocópias, que muitas vezes eram esquecidas ou perdidas, incentivando a sistematização e ida ao quadro das alunas. De evidenciar que a sala de aula, antigo gabinete do diretor adaptado para este fim, em nada era adequada à utilização das Tecnologias da Informação, pelas suas dimensões, quadro preto, paredes pequenas e ocupadas com quadros, estantes e janelas. Todos estes fatores dificultavam e influenciavam a preparação do processo de ensino-aprendizagem.

A primeira aula seria partilhada com a Orientadora, o que me levou a propor a entrega em papel de um PPT com o Mito de Orfeu, que tinha utilizado no 1º ano de Mestrado na disciplina de Didática das Línguas Clássicas, uma vez que tratava o Pretérito Imperfeito do Indicativo, conteúdo a lecionar. O Pretérito Imperfeito seria sistematizado no quadro, sendo, ainda, entregue, para realizar em casa, uma ficha de trabalho (Anexo XV), que revia não só o novo conteúdo, como o Presente do Indicativo. As principais preocupações em relação a esta aula foram a gestão do tempo e a incerteza do tipo de materiais para a consolidação dos conteúdos.

O segundo momento correspondeu à aula partilhada com os meus colegas, que, apesar da dificuldade em conjugar as ideias de cada um relativamente às atividades a realizar, conseguimos planificar cordialmente. Considerámos pertinente uma exposição oral dividida pelos três sobre o Mito de Eneias com suporte de imagens

alusivas ao tema, a elaboração de uma ficha de trabalho com um texto latino para análise, tradução e retroversão, também dividida pelos três (Anexo XVI), e, por fim, aludindo à época natalícia que se aproximava, um canção de natal (Anexo XVII) cantada pelos três juntamente com as alunas e acompanhada à viola pelo professor estagiário Luís Melo.

Os terceiro e quarto momentos coincidiram com a minha PES individual sobre as Unidades 3 e 4, respetivamente. Nesta fase individual foi necessário elaborar um roteiro da aula, que, devido à sua extensão (cerca de quarenta páginas), não é possível anexar a este relatório, podendo apenas exemplificar com alguns exercícios realizados. Este roteiro devia enquadrar a prática letiva a realizar, a planificação da aula (Anexo XVIII), a descrição pormenorizada de todos os seus passos, os anexos (fichas) e bibliografia, tendo a orientadora, para ajudar à sua conceção, facultado um exemplar do seu ano de estágio em Latim.

Para a Unidade 3 – A Fundação de Roma – escolhi o subtema Roma, Cidade das 7 colinas, para ser lecionado em dois blocos de 90 minutos cada. Tentei sempre proporcionar atividades diversificadas, que contemplassem a língua e a cultura latinas, numa ótica de revisão e aplicação de novos conteúdos. Seguindo o conselho inicial da orientadora, a utilização maioritária do manual, escolhi, para a primeira aula, o texto que nomeava e apresentava as 7 colinas romanas (página 133 do manual), para leitura e tradução. Este texto latino seria o ponto de partida para a vertente cultural de apresentação da história das 7 colinas através de uma ficha informativa. Após esta introdução e a partir do texto latino em análise, o estudo da língua com a revisão do Pretérito Imperfeito do Indicativo e da 3ª declinação dos nomes de tema em consoante e o estudo da 3ª Declinação, nomes de tema em -i, palavras parissilábicas e imparissilábicas e a preposição *trans-* + acusativo. Os novos conteúdos, além de partirem do texto, eram sistematizados no quadro por mim, com exercícios de aplicação feitos pelas alunas e referência aos Blocos Gramaticais do manual. Para finalizar a aula, a indicação do trabalho de casa: uma ficha de trabalho sobre o Monte Capitólio para prática dos conteúdos (Anexo XIX), a qual seria a ponte para o início da aula seguinte. A segunda aula, como referido, iniciar-se-ia com a correção da ficha de trabalho e o segundo momento da aula seria dedicado à aplicação dos conhecimentos

adquiridos em exercícios de retroversão, com recurso a uma planta de cidade da revista juvenil atual, *Iuuenis*. Para finalizar a minha prática nesta Unidade, a realização de exercícios do manual.

Em relação à Unidade 4, com o subtema “Da Monarquia à República”, elaborei um roteiro de aula para um bloco de 90 minutos, dividindo-o em dois momentos: (1) cultura – com a leitura e compreensão do texto em português “O FORVM ROMANVM OU FORVM MAGNVVM”, presente na página 161 do manual, com o objetivo de as alunas compreenderem a importância deste Fórum, devido à utilização política, religiosa e mercantil; (2) língua – com a leitura, análise e tradução do texto latino “Os Dioscuros” (página 163 do manual), o estudo do grau comparativo dos adjetivos, com a respetiva sistematização no quadro e anterior revisão dos adjetivos em Português. Para consolidação dos conteúdos, a realização de vários exercícios do manual.

IV.1.3.1.2. Execução

A execução da minha PES na disciplina de Latim ficou marcada pelos diferentes momentos em que foi realizada.

A aula partilhada com a orientadora não permitiu, numa fase inicial, sentir as dificuldades que vieram a verificar-se no futuro, na medida em que a aula foi maioritariamente conduzida pela professora Andreia Loio, cabendo-me breves intervenções.

A aula partilhada com a Joana Rodrigues e o Luís Melo foi um momento extremamente enriquecedor, desde a fase em que planificámos e partilhámos abertamente ideias, à fase em que executámos a aula, onde aprendi a partilhar e a respeitar ainda mais o espaço do outro e a gerir o tempo, de modo a não prejudicar as atividades destinadas aos meus colegas. De um modo geral, considero que esta aula correu de forma positiva, pois todos os momentos estavam devidamente articulados, houve ajuda mútua, que se revelou fundamental, e preocupação de todos para que tudo corresse como planificado e desejado. As alunas responderam ativamente aos três professores estagiários e sem distinções. De salientar que a atividade final, a

música de natal, foi muito divertida e contribuiu de forma entusiástica para o ensino do Latim, enquanto disciplina esquecida por muitos atualmente.

O meu desempenho individual decorreu de forma semelhante à aula partilhada. No entanto, entre a primeira e a segunda aula que me coube dar houve, de facto, diferenças. A principal verificou-se na dificuldade de gestão do tempo, aliada à preocupação da aquisição dos conhecimentos por parte dos alunos, acabando por levar mais tempo do que o planificado para cada atividade. O mesmo já não aconteceu na Unidade 4, em que geri o tempo em conformidade com a planificação feita.

De um modo global, as alunas foram participativas e responderam com algum entusiasmo às questões colocadas. No entanto, era notória a falta de estudo regular, pois quando se revia conteúdos, emergiam as dificuldades, sendo recorrente a expressão “Ai ‘setora’, esqueci-me!”, independentemente das vezes que treinavam no quadro e no caderno.

Contrariamente ao Português, senti-me mais insegura na condução das aulas de Latim, pois o domínio dos conteúdos programáticos também era menor. Para mim, o ensino desta disciplina requeria um grande estudo de todas as matérias, uma vez que tinha tido Latim há uma década atrás.

De referir ainda que embora muitos considerem o Latim uma disciplina sem utilidade e ‘chata’, o 10º J nunca refletiu essa ideia, chegando a reconhecer a importância do estudo do Latim para a disciplina de Português.

Em relação ao tema da minha PES, a interação entre as competências comunicativas, também esteve presente, embora não tão presente como no Português. No entanto, a oralidade e a leitura estiveram diretamente implicadas nos textos portugueses e latinos, havendo sempre as respetivas correções. A escrita foi a que mais se distanciou do objetivo da PES, na medida em que foi privilegiada a prática de exercícios em Latim semelhantes aos do exame nacional a realizar no 11º ano. O funcionamento da língua é sempre transversal a todas as outras competências e mesmo em Latim acaba por contribuir, em larga escala, para o bom desempenho do Português, não só na disciplina, como no uso corrente da nossa língua.

IV.1.3.1.3. Avaliação

A avaliação do 10º J deu-se de duas formas distintas, através do sistema de observação direta e pela elaboração de um trabalho de investigação pelas alunas.

A avaliação por observação direta foi a que utilizei em todas as aulas que lecionei, conforme o quadro do anexo XX. O preenchimento deste quadro era feito no final de cada aula, de modo a orientar a minha maior ou menor intervenção com as alunas nas aulas seguintes.

A avaliação do trabalho de investigação foi realizada por mim e pelos meus colegas, Joana e Luís. Assim, criámos um guião para as alunas (anexo XXI), que correspondia a 25% da nota final do 2º período. As alunas seriam avaliadas oralmente e por escrito em Português e Latim. A correção foi dividida pelos três estagiários e com revisão final da Professora Orientadora, com discussão final das notas entre todos. A escolha deste tema teve como objetivo motivar as alunas para o estudo do Latim através de um tema atual e do seu interesse, os signos do Zodíaco, e ao mesmo tempo trabalhar a língua latina. Considero importante salientar que algumas alunas realizaram trabalhos muito criativos e imaginativos. Porém, foi visível um nível muito prematuro do Latim e a falta de prática no uso do dicionário, recorrendo para isso ao *Google Translator*, com resultados pouco satisfatórios, o que se refletiu negativamente no desenvolvimento da aprendizagem da língua, pelos erros a que tal instrumento conduz.

IV.2. Conselhos de Turma (CT)

Os CT permitiram conhecer a turma em geral e obter algumas informações das alunas de Latim noutras disciplinas. Ao contrário dos CT de Português na Escola Secundária Padre Alberto Neto, estes CT foram apenas de observação, não havendo qualquer contacto da minha parte com o conteúdo da reunião e os outros docentes.

Nestes CT eram abordados os seguintes aspetos: (1) situação global da turma no comportamento e evolução das aprendizagens; (2) confirmação das notas; (3) casos particulares pertinentes de assiduidade, pontualidade e/ou aprendizagem; (4)

metodologias a adotar; (5) atividades realizadas e a integrar no Plano Anual de Atividades.

Os CT da PES em Latim constituíram, como a Português, momentos de reflexão e aprendizagem futura, conciliando as diferenças de uma reunião e outra, pela vantagem de ter estagiado em escolas distintas.

CONCLUSÃO

Ao longo deste relatório, tentei descrever as experiências que constituíram a minha PES. O ter estado em duas instituições distintas, permitiu-me conhecer diferentes meios, pessoas, docentes, não docentes e discentes. Observei aulas, lecionei aulas, participei em reuniões e outras atividades não letivas, num mundo de partilhas que influenciaram e alteraram a minha visão sobre a vida docente.

Com uma linha temática que envolve as quatro competências da disciplina de Português, aludi, quase sempre, a aspetos que caracterizam a profissão docente, procurando constantemente enriquecer-me enquanto aspirante a professora.

Toda a minha PES constitui um momento extremamente importante da minha formação académica, profissional, pessoal e social, uma vez que me desafiou para diversas situações. A PES fez com que aprendesse, por exemplo, a cooperar com todos aqueles que se cruzaram no meu caminho e a racionalizar as minhas atitudes e sentimentos.

Termino este mestrado com a esperança no trabalho dos professores pelos alunos e pela sociedade, devido à sua importante intervenção junto daqueles que compõem a comunidade escolar. Espero conservar este sentimento de otimismo enquanto professora, mas com a consciência de que um professor deve sempre atualizar-se e melhorar as suas competências, resultado das dúvidas que tive ao longo do estágio, levando também ideias que possa pôr em prática no futuro.

BIBLIOGRAFIA(S) /REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV (1980). *Problemática da Leitura – aspectos sociológicos e pedagógicos*. Lisboa: INIC.

AAVV (2000). *Programa de Língua Portuguesa. Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.

AAVV (2002). *Programa de Português. 10º, 11º e 12º Anos*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento do Ensino Secundário.

AAVV (2002). *Gavetas de Leitura: estratégias e materiais para uma pedagogia da leitura*. Porto: Edições Asa.

AAVV (2004). *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

AAVV (2010). *Exercícios de Português 11º*. Porto: Porto Editora.

AAVV (2010). *Exercícios de Português 12º*. Porto: Porto Editora.

AAVV (2011). *Antologia – Português 12º Ano/Ensino Secundário*. Lisboa: Lisboa Editora.

ALMENDA, Maria Ana e José Nunes de (1996). *Compêndio de Gramática Latina*. Porto: Porto Editora.

ALVES, Palmira Castro (2004). *Currículo e Avaliação. Uma Perspectiva Integrada*. Porto: Porto Editora.

AMOR, Emília (2003). *Didáctica do Português. Fundamentos e Metodologia*. 6ª ed. Lisboa: Texto Editora.

BALL, Raymond (1971). *Pedagogia da Comunicação*. Tradução de Publicações Europa-América. Lisboa: Publicações Europa-América.

BERNARDES, José Augusto Cardoso (2005). *A Literatura no Ensino Secundário: Outros Caminhos*. Porto: Areal Editores.

BORREGANA, António Afonso e Ana Rita (2008). *Novo Método de Latim 10º Ano*. Lisboa: Lisboa Editora.

BUESCU, Helena Carvalhão (2011). “Literatura, cânone, ensino”. *Revista de Estudos Literários*, nº 1, pp. 59-83).

CALVINO, Italo (1994). *Porquê Ler os Clássicos?*. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Teorema.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes e Rui Vieira de (org.) (2005). *O Português nas Escolas: Ensaio sobre a Língua e a Literatura no Ensino Secundário*. Coimbra: Almedina.

FIGUEIREDO, Olívia (2005). *Didáctica do Português Língua Materna*. Porto: Edições Asa.

GUERRA, José Augusto da Fonseca e José Augusto da Silva (2010). *Aula Viva Literatura Portuguesa 10º ano*. Porto: Porto Editora.

HOSS, Myriam da Costa (1977). *Prática de Ensino da Língua Portuguesa*. Brasil: Editora McGraw – Hill do Brasil.

JR, J. Mattoso Camara (1978). *Manual de Expressão Oral & Escrita*. 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

LOMAS, Carlos (2003). *O Valor das Palavras (I) Falar, ler e escrever nas aulas*. Porto: Edições Asa.

MAGALHÃES, Olga e Fernanda Costa (2011). *Entre Margens/Português 11º ano*. Porto: Porto Editora.

MARTINS, Francisco (2008). *Para Compreender Padre António Vieira e o Sermão de Santo António [Aos Peixes]*. Lisboa: Areal Editores.

MARTINS, Isaltina e Maria Teresa (2004). *Nova Itinera (10º Ano)*. Porto: Edições Asa.

MOREIRA, Jacinta (2010). *Portefólio do Professor: O portefólio reflexivo no desenvolvimento profissional*. Porto: Porto Editora.

OLIVEIRA, Maria do Carmo (2009). *Exames Resolvidos Preparação para o Exame Nacional 2009 Português 12º ano*. Porto: Porto editora.

PEREIRA, Maria Luísa Álvares (2000). *Escrever em Português. Didáticas e Práticas*. Porto: Edições Asa.

PIRES, Maria Antonieta (2005). *Os Lusíadas. Fichas de Leitura Orientada*. Lisboa: Areal Editores.

POTTS, John (1979). *Leitura e Leituras nos ensinos primário e secundário*. Tradução de Saul Dias Barata. Lisboa: Livros Horizonte.

REIS, Carlos e José Victor (1992). *Didáctica do Português*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Aberta.

Revista *Iuvenis*, nº 5 (2010). ELI.

SANTOS, Margarida Fonseca e Elsa Serra (2010) *Quero ser Escritor!*. 3ª ed. Lisboa: Oficina do Livro.

SARAMAGO, José (2009). *Memorial do Convento*. 45ª ed. Lisboa: Caminho

SILVA, Lília e Olga Magalhães (2008). *Guia de estudo Português 12º ano*. Porto: Porto Editora.

SILVA, V. M. de Aguiar e (2010). *As Humanidades, Os Estudos Culturais, O Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

VIEIRA, Helena (2005). *A Comunicação na Sala de Aula*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença.

ANEXOS

ANEXO I – Ficha Informativa sobre Alberto Caeiro

Escola Secundária Padre Alberto Neto

2011/2012

Textos Líricos

12ºF

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte



Alberto Caeiro

O Mestre

Referências biográficas:

As informações bibliográficas foram conhecidas a partir de uma carta enviada por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), poeta, crítico e novelista português.

Alberto Caeiro, um de entre muitos heterónimos de Fernando Pessoa, nasceu no ano de 1889 e veio a falecer em 1915 de tuberculose.

Ficou órfão de pai e mãe desde muito cedo, o que fez com que vivesse grande parte da sua vida com uma tia-avó numa Quinta do Ribatejo. Foi neste local que escreveu parte da sua obra poética.

Teve uma educação simples e rudimentar, obtendo apenas a instrução primária.

Tudo isto fez com que vivesse de pequenos rendimentos.

Segundo consta, tinha uma estatura média, cabelos louros e olhos azuis.



Fonte: Google

Images

Referências bibliográficas:

- O Guardador de Rebanhos (escrito em 1914, publicado em 1925 na Revista *Athena* e em 1931 a partir do 8º poema na Revista *Presença*);
- O Pastor Amoroso;
- Poemas Inconjuntos (1913-1915).

O prefácio das suas obras é da autoria de Ricardo Reis e o posfácio de Álvaro de Campos.



Fonte: Google

Images

ANEXOII – Ficha Informativa sobre Alberto Caeiro

Escola Secundária Padre Alberto Neto

2011/2012

Textos Líricos

12ºF

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte



Alberto Caeiro

O Mestre

Características Estilísticas:

- Verso livre;
- Métrica irregular;
- Despreocupação a nível fónico;
- Pobreza lexical – linguagem simples e familiar;
- Adjetivo objetivo – fuga ao subjetivo;
- Pontuação lógica;
- Predomínio do Presente do Indicativo – recusa do tempo passado e futuro;
- Frase simples;
- Predomínio da coordenação;
- Comparações simples;
- Raras metáforas.

“Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se o vento...”

Alberto Caeiro

50

ANEXO IV – Exemplo de Planificação de Aula de Português



Escola Secundária Padre Alberto Neto

Plano de Aula – 12º Ano – Turma F – Ano Letivo 2011/2012

Aulas nº 27/28

Duração: 90'

Data: 31/10/2011

Conteúdos:

-Fernando Pessoa heterónimos: Alberto Caeiro.

Objetivos específicos:

- Ler, interpretar e analisar poemas de Alberto Caeiro, aplicando os conteúdos teóricos adquiridos;
- Produzir um texto expositivo-argumentativo sobre uma das temáticas de Alberto Caeiro.

Competências a desenvolver:

- Compreensão Oral;
- Expressão Oral;
- Leitura;
- Escrita;
- Funcionamento da Língua.

Sumário:

Leitura, interpretação e análise do poema de Alberto Caeiro “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia” (p.125).

Elaboração de um texto expositivo sobre uma das temáticas de Alberto Caeiro.

Actividades do Professor	Actividades do Aluno	Recursos/ Materiais	Tempo
O Professor:	Os Alunos:		
Lê o sumário em voz alta.	Escrevem o sumário no caderno.	-Voz; -Papel; -Caneta.	3'
Revê com os alunos a aula anterior.	Reveem com a professora a aula anterior: -Linhas gerais do poema “Sou um guardador de rebanhos” (p.119); -Linhas gerais do poema “Num dia excessivamente nítido” (p.123).	-Voz.	5'
Inicia o último poema com a audição do poema “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia” (p.125) (vide anexo 6).	Leem o poema da página 125.	-Voz; -Manual <i>Antologia 12^a</i> .	3'
Questiona os alunos sobre as impressões que retiram do poema.	Indicam a sua compreensão do poema oralmente.	-Voz; -Manual <i>Antologia 12^a</i> .	5'
Orienta a análise do poema nos seguintes aspetos: 1) Conteúdo; 2) Características temáticas; 3) Características estilísticas; 4) Recursos expressivos; 5) Funcionamento da língua.	Respondem as orientações e tomam as respetivas notas: 1)Biografia = Nascimento e Morte. A vida é pessoal e privada. Definir Caeiro – sensações = compreensão = experiências = vida. Antecipação da morte de forma eufemística. Poeta na Natureza. 2)Sensacionismo; Objetivismo; Antimetafísico; Panteísmo Naturalista.	- Voz; -Manual <i>Antologia 12^a</i> ; -Papel; -Caneta; -Quadro Branco; -Marcadores.	40'

	<p>3)Simplicidade lexical; frases curtas; pontuação.</p> <p>4)Comparação; Anáfora; Metáfora; Eufemismo.</p> <p>5)Oração subordinada condicional; oração subordinada temporal; análise sintática; análise morfológica; Presente do Indicativo; Pretérito Perfeito do Indicativo.</p>		
Entrega e explica as fotocópias com a produção de um texto expositivo-argumentativo sobre “a harmonia com a natureza” em Caeiro com base nos poemas analisados (<i>vide</i> anexo 7).	Recebem as fotocópias e elaboram o texto-argumentativo para entregarem no final da aula à professora.	<p>-Voz;</p> <p>-Papel;</p> <p>-Caneta.</p>	34'

ANEXO V – Cenários de Resposta: Produção de Texto

Escola Secundária Padre Alberto Neto

2011/2012

Textos Líricos

12ºF

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte



Produção de Texto - Correção

Tendo presente a leitura dos três poemas de Alberto Caeiro (“Sou um guardador de rebanhos”, “Num dia excessivamente nítido” e “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia”), elabore um texto expositivo-argumentativo, de oitenta a cento e trinta palavras, em que discorra sobre uma das linhas temáticas de Caeiro: a harmonia com a natureza.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2007/).

2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

O aluno deve abordar, entre outros, os seguintes aspetos:

- **Sensacionismo:**

- Através das sensações conhece a Natureza;
- Predomínio da visão (ver = conhecer);
- Contacto com a Natureza fá-lo feliz;
- Felicidade alcançada pelo conhecimento/sentir a Natureza.

Exemplos textuais:

“Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la”;

“E comer um fruto é saber-lhe o sentido”;

“Sinto todo o meu corpo deitado na realidade/Sei a verdade e sou feliz”;

“Vi como um danado”.

- **Antimetafísico:**

- Recusa do pensamento em favorecimento total do sentir;
- O conhecimento é alcançado pelas sensações (pensar = sentir);
- Sentir traz alegria;
- Pensar traz alegria e descontentamento (subjetividade);
- Recusa do pensamento para saber a verdade, pois as coisas estão lá porque têm de estar.

Exemplos textuais:

“E os meus pensamentos são todos sensações/Penso com os olhos...”;

“Foi isto o que sem pensar.../acertei que devia ser a verdade”;

“Compreendi isto com os olhos”.

- **Panteísmo Naturalista:**

- Adoração/aceitação da Natureza como ela é;
- Desejo de fusão com a Natureza;
- Aceitação da ordem natural das coisas;
- Natureza = Verdade = Felicidade.

Exemplos textuais:

“Sinto todo o meu corpo deitado na realidade”;

“um dia deu-me sono como a qualquer criança/Fechei os olhos e dormi”.

ANEXO VI – Descritores de Desempenho: Produção de Texto

Escola Secundária Padre Alberto Neto

2011/2012

Textos Líricos

12ºF

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte



Produção de Escrita

- Aspetos de Conteúdo.....120 Pontos
- Aspetos de Correção e Organização Linguística.....80 Pontos
 - Estruturação do Discurso.....50 Pontos
 - Correção Linguística.....30 Pontos

Descritores de Desempenho	Pontos
<ul style="list-style-type: none"> Referência às três características temáticas enunciadas, explicando-as. Justificação das características enunciadas com exemplos textuais, referindo o valor contextual. 	120
<ul style="list-style-type: none"> Referência às três características temáticas enunciadas, explicando-as. Justificação das características enunciadas com exemplos textuais, sem referir o valor contextual. 	110
<ul style="list-style-type: none"> Referência às três características temáticas enunciadas, explicando-as. Sem recurso a exemplos textuais. 	100
<ul style="list-style-type: none"> Referência a duas características temáticas enunciadas, explicando-as. Justificação das características enunciadas com exemplos textuais, referindo o valor contextual. 	90
<ul style="list-style-type: none"> Referência a duas características temáticas enunciadas, explicando-as. Justificação das características enunciadas com exemplos textuais, sem referir o valor contextual. 	80
<ul style="list-style-type: none"> Referência a duas características temáticas enunciadas, explicando-as. Sem recurso a exemplos textuais. 	70
<ul style="list-style-type: none"> Referência a uma característica temática, explicando. Justificação da característica temática enunciada com exemplos textuais, referindo o valor contextual. 	60
<ul style="list-style-type: none"> Referência a uma característica temática, explicando. Justificação da característica temática enunciada, sem referir o valor contextual. 	50
<ul style="list-style-type: none"> Referência a uma característica temática, explicando. Sem recurso a exemplos textuais. 	40
<ul style="list-style-type: none"> Referência às três características temáticas enunciadas, sem explicação. Justificação com exemplos textuais. 	30
<ul style="list-style-type: none"> Referência às três características temáticas enunciadas, sem explicação. Sem recurso a exemplos textuais. 	20
<ul style="list-style-type: none"> Referência a duas características temáticas enunciadas, sem explicação. Justificação com exemplos textuais. 	10
<ul style="list-style-type: none"> Referência a duas características temáticas enunciadas, sem explicação. Sem recurso a exemplos textuais. 	5
<ul style="list-style-type: none"> Referência a uma característica temática, sem explicação. Justificação com exemplos textuais. 	2,5
<ul style="list-style-type: none"> Referência a uma característica temática, sem explicação. Sem recurso a exemplos textuais. 	0

ANEXO VII – Ficha de Trabalho: *Sermão de santo António aos Peixes*

Escola Secundária Padre Alberto Neto

2011/2012

Texto Argumentativo

11º D

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte



Questionário

Visionamento de excertos do Programa *Grandes Livros* da RTP2

Com base no filme que acabou de visionar, preencha os espaços em branco, de modo a obter as afirmações corretas.

Durante o século XVI, a Igreja Católica sofreu um duro golpe devido ao nascimento das Igrejas Protestantes. Com a viragem do século, o Catolicismo passa a ter como objetivo _____ os fiéis.

Para que este processo de evangelização obtenha sucesso, o _____ torna-se o lugar central. A função deste lugar perante os fiéis é _____, _____ e _____. Vai ser o lugar onde se proferem os _____, o que o torna no lugar mediático desse tempo. É, portanto, uma forma literária de grande peso para as pessoas.

Com esta forma de arte literária, surgem os _____ que proferem os _____ e cabe-lhes a árdua tarefa de _____ e _____ as almas. Para esse efeito, os _____ deviam ter um enorme cuidado com a _____, _____, _____, _____ e _____, pois chegavam a ser comparados a estrelas.

Um dos mais exímios oradores é _____, “Príncipe das Palavras”. Um dos intervenientes no Documentário compara-o a celebridades pertencentes aos séculos XX e XXI, como _____, _____ e _____.

Tal era a sua excelência na oração que as pessoas acorriam a vê-lo e diziam: “Amanhã vou pôr o tapete em S. Roque”, o que significa _____.

Devido à fama que alcançou, Vieira pregou em três países diferentes: _____, _____ e _____.

De todas as suas obras, a que mais se destaca é o famoso _____, _____, que reflete sobre temas de todos os tempos, como por exemplo a _____, o _____ e a _____. Podemos assim dizer que é uma obra _____.

Como qualquer obra desta natureza, começa com um Conceito Predicável (texto bíblico que serve de tema e será desenvolvido de acordo com a intenção e objetivo do autor), “Vos estis sal terrae” de S. Mateus, que significa _____.

O autor desta obra inspira-se no seu homónimo _____ e, tal como ele, volta-se para o _____ e fala aos _____, porque a _____ não o ouve.

Podemos concluir que esta obra literária é uma encenação alegórica, na medida em que os _____ são a representação do _____.

Para cumprir este objectivo, a estrutura da obra é pensada e dividida em duas grandes partes:

- A primeira _____ as virtudes dos peixes e são elas a _____, a _____, a _____, a _____ e a _____. Como seres exemplificativos destas virtudes há: o _____, a _____, o _____ e o _____.
- A segunda parte _____ os vícios/defeitos destes mesmos seres e serve-se de exemplos como: os _____, os _____, os _____ e o _____, símbolos da _____, do _____, da _____ e da _____.

Com este “Tratado da Biologia”, pretende-se atingir:

- Os pregadores que não faziam valer a Lei de Cristo no Brasil;
- Os colonos portugueses que tratavam os índios como escravos;
- Os fracos e traidores;
- Os nativos mortos e as povoações destruídas

ANEXO VIII – Ficha de Trabalho: *Sermão de Santo António aos Peixes*

Escola Secundária Padre Alberto Neto

Texto Argumentativo

11º D

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte

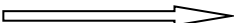


2011/2012



Estrutura – Correção

Sermão de Santo António aos Peixes, Padre António Vieira

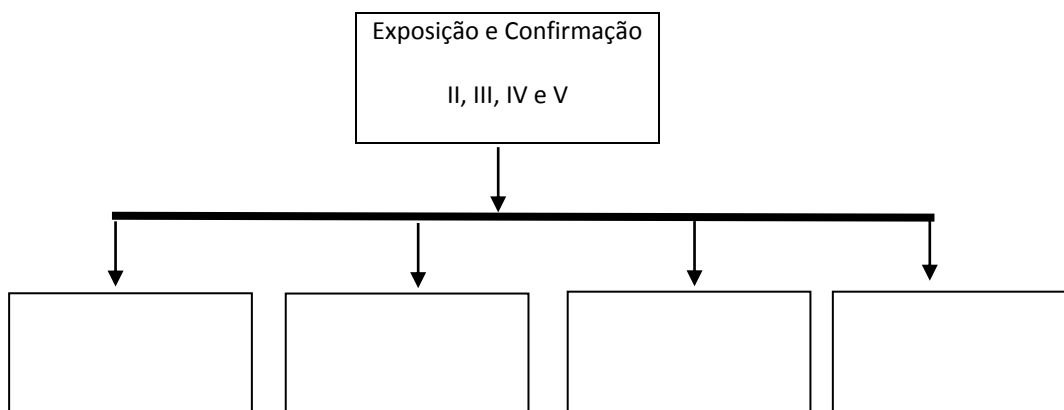
O sermão, como qualquer texto, divide-se em três partes:

- 1) Introdução  Exórdio
- 2) Desenvolvimento  Exposição e Confirmação
- 3) Conclusão  Peroração

Exórdio

Exposição e Confirmação

O Sermão divide-se em dois pontos:



Peroração

ANEXO IX – Tabela Cronológica de Padre António Vieira

Escola Secundária Padre Alberto Neto

Texto Argumentativo

11º D

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte

2011/2012



Tabela Cronológica

Datas	Momentos Marcantes
1608	Nasce em Lisboa a 6 de fevereiro.
1614	Parte para o Brasil com a família, uma vez que o seu pai foi nomeado para um cargo público. Entra no Colégio Jesuíta.
1621	Revela uma grande inteligência.
1624/ 1625	Devido às invasões holandesas, os eclesiásticos vão para o interior, onde Vieira começa a demonstrar grande interesse pelos nativos (índios e negros), a quem promete dedicação.
1626	Torna-se Professor de Retórica (arte de bem falar).
1633	Prega pela primeira vez no Brasil.
1635	Torna-se pregador e percorre as aldeias com o objetivo de atualizar os ouvintes para questões da atualidade.
1641	Regressa a Portugal. Torna-se amigo e confidente do rei D. João IV. Inicia o seu percurso político e público.
1642	Prega pela primeira vez em Lisboa.
1642/ 1648	Segue por vários países em funções políticas (tratados de ajuda à crise portuguesa).
1649	É denunciado por defender judeus e atacar a Inquisição. O rei D. João IV defende-o.
1652	Regressa ao Brasil para continuar a sua missão de pregação em defesa dos nativos.

1654	Prega a 13 de Junho o <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> . Regressa a Portugal.
1655	Prega o <i>Sermão da Sexagésima</i> (crítica ao estilo Barroco). Regressa ao Brasil.
1656	Prega o <i>Sermão da Primeira Oitava de Páscoa</i> (refere as verdadeiras e falsas riquezas, devido aos habitantes não terem encontrado as minas de ouro).
1657	Prega o <i>Sermão do Espírito Santo</i> (luta em defesa dos índios e da sua dignidade).
1661	É preso. É expulso pelos colonos. Regresso a Lisboa.
1662	<i>Sermão da Epifania</i> (ataque ao tráfico de escravos no Brasil).
1663	Desterrado em Coimbra.
1664	Escreve a <i>História do Futuro</i> .
1667	Condenado pela Inquisição à proibição de pregar.
1668	É amnistiado, mas ainda com proibição de abordar determinados temas.
1669	Vai para Roma.
1679	Publica o seu primeiro volume de Sermões (de onde mais tarde sairão mais).
1681	Volta ao Brasil em definitivo. Continua a missão de evangelização.
1697	Morre a 18 de Julho na Baía aos 89 anos.

ANEXO X – Ficha de Trabalho: *Sermão de Santo António aos Peixes*

Escola Secundária Padre Alberto Neto

Texto Argumentativo

11º D

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte

2011/2012



Análise ao Capítulo VI *Sermão de Santo António aos Peixes* Padre António Vieira

Após a leitura e interpretação oral do capítulo, responda às questões que se seguem:

A - Interpretação

1. Por que motivo são excluídos os peixes do sacrifício a Deus?

 2. Embora os peixes não possam ir ao sacrifício a Deus, o Padre António Vieira mostra-lhes no que consiste a sua oferenda. Indique.

 3. Esclareça o sentido da expressão “Oh quantas almas chegam àquele altar mortas” (l.13), referindo a quem se dirige.

 4. No segundo parágrafo, Padre António Vieira estabelece uma relação de oposição entre si e os peixes. Indique quais as relações estabelecidas.

 5. Por fim, Vieira enuncia as razões que fazem com os peixes devam louvar a Deus. Enumere-as.

- 5.1 Indique os recursos expressivos presentes nas razões acima mencionadas e refira o valor contextual.

6. Explique o sentido da afirmação final deste Sermão.

B – Funcionamento da Língua

1. Faça corresponder a cada elemento da Coluna A um elemento da Coluna B.

A	B
1. Com o uso da adversativa “mas” (l.5)...	a) O orador introduz atos ilocutórios diretivos.
	b) O orador utiliza uma apóstrofe.
2. Através da construção anafórica “Vós” (ll.25-28)...	c) O orador indica uma ideia contrária.
	d) O orador dirige-se aos seus ouvintes.
3. Com o recurso ao verbo “Louvai”, (ll.35-43)...	e) O orador introduz uma ideia concessiva.
	f) O orador introduz atos ilocutórios assertivos.
4. Na linha 20, “Ah Peixes”,...	g) O orador introduz uma personificação.
	h) O orador introduz uma ideia de adição.

2. Classifique morfologicamente a forma verbal “Louvai” (l. 35).

3. Classifique a oração sublinhada: “Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras;” (ll.22-23).

4. Na frase, “Na Lei Eclesiástica ou Ritual do Levítico, escolheu Deus certos animais...” (ll. 4-5), indique o predicado e o respetivo sujeito.

C – Produção de Texto

Num texto expositivo-argumentativo, entre as 200 e as 300 palavras, comente a seguinte interrogação: “Bastaria um sermão para corrigir os homens?”, da reportagem *Grandes Livros* visionada no início do estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2011/).

2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:

- Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
- Um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

ANEXO XI – Teste Sumativo de *Os Maias*

Escola Secundária Padre Alberto Neto

Texto Narrativo

11º D

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte

2011/2012



Nome: _____

Aluno nº: _____ Data: _____

Classificação: _____

O Professor: _____

O Enc. de Educação: _____

Teste de Avaliação – Versão A

Grupo I

Deram dez horas. Antes de se recolher foi ao quarto onde se fizera a cama da ama. A Gertrudes, o criado de Arroios, o Teixeira, estavam lá cochichando ao pé da cómoda, na penumbra que dava um fólio posto diante do candeeiro; todos se esquivaram em pontas de pés quando lhe sentiram os passos, e a ama continuou a arrumar em silêncio os gavetões. No vasto leito o pequeno dormia como um Menino Jesus cansado, com o seu guizo apertado na mão. Afonso não ousou beijá-lo, para o não acordar com as barbas ásperas; mas tocou-lhe na rendinha da camisa, entalou a roupa contra a parede, deu um jeito ao cortinado, enternecido, sentindo toda a sua dor calmar-se naquela sombra de alcova onde o seu neto dormia.

— É necessário alguma coisa, ama? — perguntou abafando a voz.

— Não, meu senhor...

Então, sem ruído, subiu ao quarto de Pedro. Havia uma fenda clara, entreabriu a porta. O filho escrevia, à luz de duas velas, com o estojo aberto ao lado. Pareceu espantado de ver o pai: e na face que ergueu, envelhecida e lívida, dois sulcos negros faziam-lhe os olhos mais refulgentes e duros.

— Estou a escrever — disse ele.

Esfregou as mãos, como arrepiado da friagem do quarto, e acrescentou:

— Amanhã cedo é necessário que o Vilaça vá a Arroios... Estão lá os criados, tenho lá dois cavalos meus, enfim, uma porção de arranjos. Eu estou-lhe a escrever. É número 32 a casa dele, não é? O Teixeira há-de saber... Boas noites, papá, boas noites.

No seu quarto, ao lado da livraria, Afonso não pôde sossegar, numa opressão, uma inquietação que a cada momento o fazia erguer sobre o travesseiro, escutar: agora, no silêncio da casa e do vento que calmara, ressoavam por cima, lentos e contínuos, os passos de Pedro.

A madrugada clareava, Afonso ia adormecendo — quando de repente um tiro atirou a casa. Precipitou-se do leito, despido e gritando: um criado acudia também com uma lanterna. Do quarto de Pedro, ainda entreaberto, vinha um cheiro de pólvora; e aos pés da cama, caído de bruços, numa poça de sangue que se ensopava no tapete, Afonso encontrou o seu filho morto, apertando uma pistola na mão.

Entre as duas velas que se extinguíam, com fogachos lívidos, deixara-lhe uma carta lacrada com estas palavras sobre o envelope, numa letra firme: *Para o papá*.

Daí a dias fechou-se a casa de Benfica. Afonso da Maia partia com o neto e com todos os criados para a Quinta de Santa Olávia.

Excerto de *Os Maias*, Eça de Queirós

Lê atentamente o texto e responde ao questionário.

- 1.** Integra o texto na estrutura da obra *Os Maias*.

- 2.** Ao longo do excerto, Afonso da Maia revela diferentes emoções e atitudes. Indica-as, justificando com elementos do texto.

- 3.** Através do levantamento de segmentos textuais, demonstra como é construída uma atmosfera trágica ao longo do texto. Justifica a tua resposta.

- 4.** Tendo em conta a globalidade da obra *Os Maias* e o excerto que acabaste de ler, relaciona as personagens Pedro e Carlos da Maia.

5. Qual a importância deste excerto para o contexto global da obra?

6. *As crianças bem diferentes que são Eusebiozinho e Carlos são-no já em função de duas educações bem distintas, de dois ambientes familiares claramente opostos [...].*

Isabel Pires de Lima, *As Máscaras do Desengano*, Lisboa, Caminho, 1987, p. 175

Considera o juízo crítico apresentado e comenta-o, fundamentando-te na tua experiência de leitura de *Os Maias*. Redige um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de oitenta a cento e trinta palavras.

Observações relativas a este item

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2007/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido. A um texto com extensão inferior a quarenta palavras é atribuída a classificação de zero pontos.

Grupo II

1. Classifica com (V) Verdadeiras ou (F) Falsas as seguintes afirmações.

1.1. O texto narrativo ...

1.1.1. ... é apenas escrito em prosa.

1.1.2. ... visa narrar acontecimentos verdadeiros e/ou verosímeis.

1.1.3. ... centra-se na primeira pessoa gramatical.

1.1.4. ... obedece, normalmente, à estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão.

1.2. O romance ...

1.2.1. ... possui uma ação longa, onde normalmente se entrelaçam ações secundárias.

1.2.2. ... tem um número ilimitado de personagens.

1.2.3. ... situa-se num tempo e num espaço restritos.

1.2.4. ... é um género do modo narrativo que abarca outros subgéneros.

1.3. No que respeita às categorias da narrativa ...

1.3.1.... a ação pode ser principal ou secundária, fechada ou aberta.

1.3.2.... o espaço refere-se apenas ao local onde se desenrola a ação.

1.3.3.... o tempo da diegese pode ser maior do que o do discurso.

1.3.4. ... o narrador identifica-se com o autor.

1.4. A narração ...

1.4.1.... consiste no relato de eventos apenas imaginários.

1.4.2.... é um momento de avanço na ação.

1.4.3. ... privilegia o uso do pretérito perfeito do indicativo.

1.4.4. ... é indispensável para o desenrolar da ação.

1.5. A descrição ...

1.5.1....consiste na apresentação das personagens, objetos, espaços, ambientes, etc.

1.5.2. ... privilegia o uso do verbo.

1.5.3.... desperta vários sentidos e emoções.

1.5.4.... usa frequentemente a comparação, a metáfora a personificação, a adjetivação e a enumeração.

1.6. Nos modos de representação do discurso, ...

1.6.1. ... inserem-se o discurso direto, indireto e indireto livre.

1.6.2. ...o diálogo permite caracterizar o estatuto sociocultural das personagens.

1.6.3.... o monólogo pressupõe a existência de um eu e de um tu.

1.6.4.... o discurso indireto livre caracteriza-se pela expressão da voz da personagem e do narrador em uníssono.

2. Preenche devidamente os espaços em branco do texto lacunar a seguir apresentado, utilizando as palavras indicadas.

- | | |
|----------------|--------------------|
| • Teófilo | • sentimentalismo |
| • crítica | • orador |
| • Coimbra | • Ultrarromantismo |
| • retórica | • literatura |
| • sociedade | • Romantismo |
| • Feliciano | • Conferências |
| • verdadeiros | • palavra |
| • arte | • Realismo |
| • revolucionar | • piegas |
| • negação | • Antero |

A Questão Coimbrã representou uma reação contra a segunda geração romântica, ou _____; cujo mentor era António _____ de Castilho. Os jovens universitários de _____ insurgiram-se contra o _____ exacerbado do Ultrarromantismo e pretendiam _____ a mentalidade e a literatura

portuguesas. Este movimento foi inicialmente chefiado por _____ de Quental e _____ de Braga.

Mais tarde, em 1871, realizaram-se as _____ Democráticas do Casino cuja finalidade era despertar a opinião pública para as questões sociais, incitando as pessoas à ação, a fim de remodelar a _____ portuguesa.

Numa das conferências denominada «O _____ como nova expressão de Arte», Eça de Queirós apresentou um novo conceito de _____ que acabou por se impor no seio da _____ portuguesa.

Segundo o _____ desta conferência, o Realismo «... é a _____ da arte pela arte; é a proscrição do convencional, do enfático e do _____. É a abolição da _____ considerada como a arte de promover a comoção usando da inchação do período, da epilepsia da _____, da congestão do tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. Por outro lado, o Realismo é uma reação contra o _____ : o Romantismo é a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do carácter. É a _____ do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos para nos conhecermos, para que saibamos se somos _____ ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.

COTAÇÃO

I						II	
1.	2.	3.	4.	5.	6.	1.	2.
20	20	20	20	20	50	30 (1,25 X 24)	20 (1 X 20)

ANEXO XII – Matriz do Teste Sumativo de *Os Maias*

Matriz do 5º Teste de Avaliação – 07/05/2012		
Conteúdos	Estrutura/Cotação/Objetivos	CrITÉrios de Correção
<ul style="list-style-type: none"> <i>Os Maias</i> de Eça de Queirós 	<p>Grupo I: 150 pontos Item de resposta aberta curta (5) – 100 pontos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ compreender / interpretar enunciados escritos; ✓ encadear logicamente as ideias; ✓ produzir enunciados que revelem conhecimento das estruturas morfosintática adequadas ao tipo de discurso proposto; ✓ captar os mundos imaginários sugeridos pela experiência estética e pela linguagem metafórica; ✓ situar o excerto na estrutura e contexto global da obra; ✓ caracterizar personagens; ✓ relacionar personagens; ✓ identificar indícios de ação trágica. <p>Produção de texto – 50 pontos: Item de resposta aberta extensa orientada: (80 a 130 palavras)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ planificar a atividade de escrita de acordo com o tema proposto; ✓ expressar ideias e opiniões, de forma pertinente, estruturada e fundamentada; ✓ cumprir as propriedades da textualidade (continuidade, progressão, coesão e coerência); ✓ produzir um discurso correto nos planos lexical, morfológico, sintático, semântico, pragmático, ortográfico e da pontuação. 	<p>Em ambos os itens, a cotação será distribuída do seguinte modo: 40% para a correção linguística e 60% para o tratamento correcto do tema proposto.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Categorias da Narrativa Questão Coimbrã Conferências Democráticas do Casino Realismo/Naturalismo 	<p>Grupo II: 50 pontos Itens de resposta fechada: Verdadeiro/Falso (24) – 1,25 pontos X 24 = 30 pontos</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ identificar as características do texto narrativo e das suas categorias. <p>Completamento – 1 ponto X 20 = 20 pontos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ demonstrar conhecimentos sobre a Questão Coimbrã; ✓ demonstrar conhecimentos sobre as Conferências Democráticas do Casino; ✓ identificar as características do Realismo/Naturalismo. 	<p>Nos exercícios V/F e de completamento, a cotação será atribuída na totalidade se a resposta estiver correcta.</p>

ANEXO XIII – Grelha de Avaliação dos Testes Sumativos de *Os Maias*

Grelha de Avaliação – 11º D – 5º Teste de Avaliação – 07/05/2012

Nº Aluno	I-150 p.	2	3	4	5	Total	6	Desconto	Total	Total	Grupo I	II-50 p.	2	Total	Grupo II	Total	Avaliação
	1											1					
	20=12+8 (5+3)	20=12+8 (5+3)	20=12+8 (5+3)	20=12+8 (5+3)	20=12+8 (5+3)		50=30+20 (12+8)					30 (1.25x24)	20 (1x20)				
1 Ana Almas	8+3+1=12	9+3+0=12	5+3+1=9	9+3+1=13	6+2+1=9	55	12+6+3=21	0	21	76		22,5	18	40,5		11,7	Suf.
2 Ana Margarida	4+0+3=7	9+3+2=14	0	3+0=3	0	24	18+8+5=31	0	31	55		23,75	13	36,75		9,2	Med.
4 Bruno Gonçalves																	
5 Bruno Taborda	8+3+0=11	9+3+0=12	6+2+2=10	7+3+0=10	6+3+9=9	52	15+6+1=22	0	22	74		23,75	13	36,75		11,1	Suf.
6 David Santos	12+3+3=18	10+4+1=15	3+0=3	9+4+1=14	3+0=3	53	15+6+4=25	0	25	78		20	13	33		11,1	Suf.
7 Diogo Torres	3+0=3	6+4+0=10	5+2+0=7	0	3+0=3	23	12+6+0=18	0	18	41		21,25	12	33,25		7,4	med.
8 Fábio	8+4+1=13	9+3+0=12	9+3+0=12	3+0=3	2+0=2	42	15+6+2=23	0	23	65		26,5	15	41,25		10,6	Suf.
9 Fatumata																	
10 Helena	8+4+1=12	9+4+0=13	7+3+3=13	4+0+1=5	5+3+0=8	52	21+8+1=31	0	31	83		20	16	36		12	Suf.
13 Lisete	9+3+2=14	0	3+0=3	3+0=3	3+0=3	23	12+4+2=18	0	18	41		20	7	27		6,8	med.
15 Mariana Gouvêa	12+3+0=15	0	0	4+0=4	4+0=4	23	24+8+0=32	0	32	55		21,25	10	31,25		8,6	Med.
16 Patrícia	10+3+0=13	3+0=3	0	6+2+0=8	5+2+0=7	31	12+2+2=16	5	11	42		21,25	11	32,25		7,4	med.

18 Pedro Pinto	8+3+3=14	6+3+2=11	3+0=3	7+3+2=12	3+0+2=5	45	21+8+1=30	5	25	70	16,25	9	25,25	9,5	suf.
19 Pedro Santos	8+2+1=11	3+0=3	3+0=3	0	0	17	6+0+0=6	0	6	23	18,75	17	35,75	5,9	med.
20 Pedro Magalhães	12+3+0=15	9+4+0=13	12+4+0=16	10+3+0=13	6+3+0=9	66	24+8+3=35	2	33	99	28,75	14	42,75	14,2	bom
22 Ruben	4+0+3=7	9+3+0=12	7+3+0=10	3+0+2=5	0	34	9+0+4=13	0	13	47	22,5	4	26,5	7,4	med.
23 Sofia	8+3+0=11	6+4+3=13	7+4+3=14	9+3+0=12	9+3+3=15	65	24+8+5=37	0	37	102	28,75	13	41,75	14,4	bom
24 Sara	12+3+3=18	7+3+2=12	9+4+3=16	9+3+3=15	5+2+1=8	69	21+8+6=35	0	35	104	23,75	9	32,75	13,7	bom

ANEXO XIV – Ficha de Trabalho: *Crónica de D. João I*

Escola Secundária Padre Alberto Neto

2011/2012

A Época Medieval

10º G

Profª Orientadora: Isabel Leal

Profª Estagiária: Marlene Duarte



Nome: _____

Turma: _____ Aluno nº: _____

Data: _____

O Professor: _____

O Enc. de Educação: _____

Crónica d'El-Rei D. João I - 2ª Parte

Capítulo 9 - Ficha de trabalho

Grupo I

1. Neste capítulo, Fernão Lopes dá-nos conta de uma viagem de D. João I. Qual?

2. Explique de que modo se preparavam as pessoas e a cidade para receber o rei, justificando com elementos textuais.

3. As mulheres são aqui referidas face à forma como aguardavam o rei, porquê? Justifique a sua resposta recorrendo a exemplos do texto.

4. Apenas uma figura é neste capítulo individualizada. Identifique-a e descreva como ela aguarda o rei, corroborando a sua resposta com dados textuais.

5. Após a chegada do rei, todos o querem ver e beijar a mão. Refira o ambiente que se vive na cidade, retirando elementos do texto que justifiquem a sua resposta.



6. Determine o valor da bandeira entregue ao rei por um cidadão burguês.

-
-
-
-

Num texto, de 80 a 130 palavras, comente a seguinte passagem do Prólogo: *“Se outros per ventuira em esta cronica buscam fremesura e novidade de palavras, e nom a certidom das estorias, desprazer-lhe-á de nosso razoado, muito ligeiro a eles d’ouvir, e nom sem gram trabalho a nós de ordenar.”*

This image shows a full page of blank handwriting practice paper. It features multiple sets of horizontal lines spaced evenly down the page. Each set typically consists of three lines: a solid top line, a dashed middle line, and a solid bottom line, providing a guide for letter height and placement. The paper is otherwise completely blank, with no text or other markings.

ANEXO XV – Ficha de Trabalho: Pretérito Imperfeito do Indicativo

 <p><i>Escola Secundária de Camões</i></p> <p>LATIM A</p> <p><i>Nome:</i> _____</p> <p><i>Número:</i> _____ <i>Turma:</i> _____</p> <p><i>Data:</i> _____</p>		<p>Ano Lectivo 2011/2012</p> <p><i>Profª Estagiária</i> <i>Marlene Duarte</i></p> <p><i>Profª Orientadora</i> <i>Andreia Loio</i></p>
---	--	---

Pretérito Imperfeito do Indicativo



1. Completa a tabela:

Pessoa	Verbo: amo, amas, amare, amavi, amatum.	Rever: Presente do Indicativo
1ª	Ama+ba+m	
2ª		
3ª	Ama+ba+t	
1ª		
2ª		
3ª		

Pessoa	Verbo: deleo, deles, delere, delevi, deletum	Rever: Presente do Indicativo
1ª	Dele+ba+m	
2ª		
3ª	Dele+ba+t	
1ª		
2ª		
3ª		

Pessoa	Verbo: lego, legis, legere, legi, lectum.	Rever: Presente do Indicativo
1ª	Lege+ba+m	
2ª		
3ª	Lege+ba+t	
1ª		
2ª		
3ª		

ANEXO XVI – Ficha de Trabalho: O Mito de Eneias

<div style="text-align: center;">  <p><i>Escola Secundária de Camões</i></p> <p>LATIM A</p>  </div> <p>Nome: _____</p> <p>Número: _____ Turma: _____</p> <p>Data: _____</p>	<p>Ano Letivo 2011/2012</p> <p>Professores Estagiários Joana Rodrigues, Luís Melo e Marlene Duarte</p>
---	---

I

AENEAS ITALIAM ATTINGIT

Aeneas cum Troianis Italiam tandem attingit (chega) et regem (3ª declinação, acusativo: rei) Latinum in Latio inuenit (encontra).

Rex (3ª declinação, nominativo: rei) Latinus filiam suam Lauiniam Aeneae in matrimonium dat.

Turnus tamen, Rutulorum rex, Lauiniam etiam amabat ideoque bellum Aeneae indicit (declara).

Aeneas autem Turnum uincit, troianos deos in Italiam introducit et Lauinium oppidum condit (funda).

Aeneas arcano a uita recedit (afasta-se da vida = morre).

Aeneae et Lauinae filii, Ascanius et Siluius, paternam operam in Italia pergent (continuarão).

Quondam clari uiri ab Aenea oriundi saeuis bellis magnum imperium facient (farão) et seruabunt (conservarão).

Texto retirado de Borregana, António Afonso; Borregana, Ana Rita (2008), *Novo Método de Latim 10º Ano*. Lisboa: Lisboa Editora, p. 64

Vocabulário:

- Tandem (adv.): finalmente;
- Latium, -i (n.): Lácio, região da Itália;
- Tamen (Conj.): contudo;
- Rutuli, -orum (m. pl.): Rútilos, antigo povo do Lácio;
- Etiam (adv.): também;
- Ideoque (conj.): e por isso;
- Oppidum, -i (n.): cidade fortificada;
- Arcano (adv.): secretamente;
- Quondam (adv.): um dia (no futuro);
- Clarus, -i (adj.): ilustre;
- Saeuus, -i (adj.): cruel, terrível.

II

1. Indique e justifique o caso das seguintes palavras ou expressões:

- a) Troianis (1); _____
- b) Aeneae (3); _____
- c) Rutulorum (5); _____
- d) Turnum (7); _____
- e) Aeneas (9); _____
- f) Filii (10); _____
- g) Saevis bellis (12). _____

2. Classifique as formas verbais que se seguem:

- a) Attingit (1); _____
- b) Dat (4); _____
- c) Amabat (5); _____
- d) Condit (8). _____

3. Servindo-se das palavras de cada um dos grupos seguintes, conservando a mesma ordem e conjugando o verbo enunciado, construa cinco frases sintaticamente corretas e traduza-as, segundo o modelo da primeira.

a) Latinus – Aeneas – Lauinia – do, das, dare, dedi, datum:

Latinus Aeneae Lauiniam dat: Latino dá Lavínia a Eneias.

b) Turnus – bellum – Aeneas – indico, indicis, indicere, dixi, dictum:

c) Aeneas – Turnus – uinco, uincis, uincere, uici, uictum:

d) Aeneas – Lauinium – oppidum – condo, condis, condere, condidi, conditum:

e) Ascanius et Siluius – paterna – opera – pergo, pergis, pergere, perrexí, perrectum:

f) Clarus uir – paterna – opera – pergo, pergis, pergere, perrexí, perrectum:

Traduza o texto.

This image shows a single page of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page, leaving small margins at the top and bottom. There are no vertical margin lines, text, or other markings on the page.

Bona Fortuna! 😊

ANEXO XVII – Canção de Natal em Latim

O felix nox

(Noite Feliz)

Franz Gruber

Na tus est Na tus est I e sus Mun di Lux Ni grain spe lun ca
Na tus est Na tus est Di ue Sol O ri ens Fu ga fri go ra
Na tus est Na tus est In fans par cum De o Pau per spes tu a

11 Do Fa Do Sol⁷

pa leis ia cit Ar men ti ha li tu ca le fit Cae lo
noc tis Po tens Pel le te ne bras ma li Fa uens Om nis
hic Pu er fit Gau di um in ter ras ir ru pit No bis

18 Do Sol⁷ Do

an ge li cla mant Glo ri gin ex cel sis De o
bo ni O ri go sem per no bis cum ma ne
gra tum quod ad es Pu er De cus et A mor

Natus est!
Natus est!
Iesus, Mundi
Lux
Nigra in spelunca paleis iacit,
Armenti halitu calefit.
Caelo angeli clamant:
Gloria in excelsis Deo!

Natus est!
Natus est!
Diue Sol
Oriens,
Fuga frigora noctis, Potens!
Pelle tenebras mali, Fauens!
Omnis boni Origo,
Semper nobiscum mane!

Natus est!
Natus est!
Infans, par
Cum Deo!
Pauper, tua spes hic Puer fit:
Gaudium in terras irrupit...
Nobis gratus quod ades,
Puer, Decus et Amor!

Nasceu!
Nasceu!
Jesus, Luz
O Mundo,
Em escura gruta sobre palhas está deitado,
Pelo bafo do gado é aquecido.
Nos céus clamam os anjos:
Glória a Deus nas alturas!

Nasceu!
Nasceu!
Ó Divno Sol
Nascente,
Afugenta os frios da noite, tu que podes,
Repele as trevas do mal, tu que nos és favorável!
Origem de todo o bem,
Fica connosco para sempre!

Nasceu!
Nasceu!
Uma criança igual
A Deus!
Ó pobre, a tua esperança é este Menino:
A alegria irrompeu pela Terra...
É-nos grato que estejas connosco,
Ó Menino, que és Graça e Amor!

ANEXO XVIII – Exemplo de Planificação de Aula de Latim

Plano da Aula

Lição nº: 45

Data: 06/02/2012

Duração: 90'

Objetivos:

- Ler corretamente em Latim;
- Traduzir corretamente um texto latino;
- Identificar e analisar morfossintaticamente palavras e/ou expressões;
- Conhecer as sete colinas da cidade de Roma;
- Conhecer e exercitar a 3ª declinação (nomes de tema em -i);
- Rever conteúdos anteriores.


Conteúdos:

- Roma – cidade das sete colinas;
- Declinações: 1ª, 2ª e 3ª (tema em consoante e tema em -i);
- Conjugações: Presente e Pretérito Imperfeito do Indicativo;
- Construções: *in* + acusativo; *in* + ablativo e *trans* + acusativo.

Material:

- Quadro;
- Giz;
- Manual *Nova Itinera*;
- Caderno diário;
- Ficha Informativa;
- Ficha de Trabalho;

ANEXO XIX – Ficha de Trabalho: Monte Capitólio

<i>Escola Secundária de Camões</i>	Ano Letivo 2011/2012
LATIM A	 <i>Professora Estagiária Marlene Duarte</i>
<i>Nome:</i> _____	<i>Professora Orientadora Andreia Loio</i>
<i>Número:</i> _____ <i>Turma:</i> _____ <i>Data:</i> _____	

Ficha de Trabalho

1. Leia o texto e em seguida responda às questões:

Mons Capitolinus

Mons Capitolinus est parvus collis, tamen sunt cunabula urbis Romae.

In Monte Capitolino, qui bonum munimentum erat, diu erant incolae et monumenta religiosa.

Ibi etiam erat sedes senatus.

Post finem imperii Romani aedificia sunt deleta et Monti Capitolino datum est hoc nomen: “Collis Caprinus”, quia caprae ibi pascebantur.

Anno 1537 Michael Angelus ibi confecit pulcherrimam plateam, quae est verum artis miraculum.

Vocabulário:

- cunabula, cunabulorum (n. pl.): origens;
- munimentum, munimenti (n.): proteção;
- diu (adv.): durante muito tempo;
- Ibi (adv.): aí, nesse lugar;
- sedes, sedis (f.): morada, habitação, residência;
- senatus, senatus (m.): senado;
- aedificium, aedificii (n.): edifício;
- “sunt deleta”: traduzir como foram destruídos;
- “datum est”: traduzir como foi dado;
- “hoc”: traduzir como este;
- caprinus, -a, -um (adj.): de cabra;
- “pascebantur”: traduzir como eram alimentados;
- capra, caprae (f.): cabra;
- conficio, -is, -ere, -feci, -fectum: fazer, acabar, completar;
- “pulcherrimam”: traduzir como a mais bela;
- platea, plateae (f.): praça pública;
- “quae”: traduzir como a qual;
- verum (adv.): realmente, na verdade, certamente;
- miraculum, miraculi (n.): prodígio, maravilha;
- ars, artis (f.): arte.

- 2.1 "paruus collis": _____
- 2.2 "Monte Capitolino": _____
- 2.3 "finum": _____
- 2.4 "aedificia": _____

- | <i>Ars, artis</i> | Singular | Plural |
|-------------------|----------|--------|
| Nominativo | | |
| Vocativo | | |
| Acusativo | | |
| Genitivo | | |
| Dativo | | |
| Ablativo | | |

- 4.1 "erat": _____
- 4.2 "sunt": _____
- 4.3 "confecit": _____

-
-
-
-
-
-

-
- This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on its right side, suggesting it's resting on a surface.

82

ANEXO XX – Quadro de Observação Direta

Quadro de Observação Direta

Ano Letivo 2011/2012

10º J

06 de fevereiro de 2012

Nome	Assiduidade	Pontualidade	Participação	Motivação	Interesse
Aluna 1					
Aluna 2					
Aluna 3					
Aluna 4					
Aluna 5					

Nota: as cotações serão numa escala de 1 a 5.

1-Insuficiente;



2-Suficiente -;

3-Suficiente;

4-Bom;

5-Muito Bom.

ANEXO XXI – Guião do Trabalho de Investigação

 <p><i>Escola Secundária de Camões</i></p> <p>LATIM A</p> <p></p> <p>Nome: _____</p> <p>Número: _____ Turma: _____ Data: _____</p>	<p>Ano Letivo 2011/2012</p> <p><i>Professores Estagiários</i> <i>Joana Rodrigues,</i> <i>Luís Melo e</i> <i>Marlene Duarte</i></p>
--	---

GUIÃO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE OS SIGNOS DO ZODÍACO

1. Objetivos

- Conhecer os signos do Zodíaco;
- Explorar as características dos signos;
- Relacionar o Zodíaco com o Latim (meses, constelações, ...);
- Apresentar as principais características dos signos em Latim.

2. Pontos a incluir

2.1 . Em Português:

- Apresentar oralmente os signos selecionados;
- Apresentar por escrito as características dos signos selecionados.

2.2 . Em Latim:

- Apresentar oralmente as principais características dos signos selecionados;
- Expor na sala um suporte físico (por exemplo, cartolina) e na internet (num *blog* criado para o efeito) as principais características dos signos selecionados.

3. Data de Apresentação: 2012-03-06

4. Data de Entrega: 2012-03-12

SIGNOS DO ZODÍACO				
AQUARIUS	PISCIS	ARIES	TAURUS	GEMINI
CANCER LEO VIRGO				
LIBRA	SCORPIO	SAGITTARIUS	CAPRICORNUS	